

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUÍSA HENRIQUES FERREIRA

**SÃO LUÍS NO SÉCULO XX: uma análise das ruas a partir de registros
fotográficos**

São Luís
2018

LUÍSA HENRIQUES FERREIRA

**SÃO LUÍS NO SÉCULO XX: uma análise das ruas a partir de registros
fotográficos**

Monografia apresentada ao curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Estadual do Maranhão para obtenção do grau
de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Rose-France de
Farias Panet

São Luís
2018

Ferreira, Luísa Henriques.

São Luís no século XX: uma análise das ruas a partir de registos fotográficos. / Luísa Henriques Ferreira. - São Luís, 2018.

77 f.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a. Rose-France de Farias Panet.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

1. Transformações urbanas. 2. História da Cidade. 3. Fotografia. I. Título.

CDU:711.163(812.1)

LUÍSA HENRIQUES FERREIRA

**SÃO LUÍS NO SÉCULO XX: uma análise das ruas a partir de registros
fotográficos**

Monografia apresentada ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Estadual do Maranhão para obtenção do grau
de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rose-France de Farias Panet (Orientadora)

Profa. Ma. Célia Regina Mesquita Marques

Profa. Ma. Lena Carolina Andrade Fernandes R. Brandão

A Deus, pai, todo poderoso, criador do Universo, aquele que vai à nossa frente, está sempre conosco, que nos protege e nos segura com a sua mão direita.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois se não fosse por seu amor, graça e misericórdia eu não estaria aqui. Por ter me dado oportunidades e colocado pessoas prestativas e bondosas em meu caminho. Por ter me dado forças e estar do meu lado nos momentos difíceis e nos felizes.

Aos meus pais Ananias e Zélia, por todo o zelo, por terem me incentivado a estudar, por me concederem à liberdade de escolher a minha área de graduação.

As minhas irmãs Marina e Laura pela dedicação, carinho e apoio incansável ao longo desses anos, durante todas as etapas.

A todos os professores que ao longo desses anos me passaram ensinamentos que vão muito além do conhecimento por si só, em especial a minha orientadora Rose-France de Farias Panet, por ter dedicado tanto tempo para meu auxílio e apoio, acreditando no meu trabalho.

Aos meus amigos e colegas de turma pelo companheirismo, por terem andado comigo nesta caminhada, oferecendo apoio e ajuda a todo tempo, em especial, as minhas amigas Ágatha, Alessandra, Amanda e Kellen que estiveram presentes desde o primeiro período.

A todos que, de alguma maneira, estiveram presentes e contribuíram para minha formação acadêmica.

Obrigada!

“Cada vez que você faz uma opção, está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes.”

C. S. Lewis

RESUMO

Este trabalho final de graduação tem por objetivo analisar a Rua da Estrela e Rua Portugal na cidade de São Luís, através de registros fotográficos e pesquisa bibliográfica. Assim, pretende-se estudar a história destas ruas e analisar os registros fotográficos destas durante o século XX, traçando um paralelo com a história da cidade de São Luís para melhor compreender as transformações ao longo do tempo. Para tal, é abordado um breve histórico da fotografia e dos registros fotográficos no Brasil, e sua importância para a memória e a identidade. Em seguida uma breve explanação da história de São Luís para compreender a origem das ruas e a importância do Centro Histórico. Por último, um estudo de caso com breve contexto histórico do século XX e os registros fotográficos de forma cronológica em paralelo com as transformações da cidade, possibilitando estudar estas à partir de sua história e os processos que levaram à sua configuração atual.

Palavras-chave: Transformações urbanas. História da Cidade. Ruas. Fotografia.

ABSTRACT

This final graduation project aims to analyze Rua da Estrela and Rua Portugal in the city of São Luís, through photographic records and bibliographic research. Thus, it is intended to study the history of these streets and analyze the photographic records of these during the twentieth century, drawing a parallel with the history of the city of São Luís to better understand the records and transformations over time. For this, a brief history of photography and photographic records in Brazil is also discussed, as well as its importance for memory and identity. Then a brief explanation of the history of São Luís to understand the origin of the streets and the importance of the Historic Center. Finally the case study with brief historical context of the twentieth century and photographic records chronologically in parallel with the transformations of the city. In this way, it was possible to study these understanding its history and the processes that led to its current configuration.

Keywords: Urban transformations. City History. Streets. Photography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação da câmera escura	18
Figura 2 - Paisagem urbana em câmera escura	19
Figura 3 - Vista da Janela em Les Gras.	21
Figura 4 - Vista da Boulevard du Temple.	21
Figura 5 - Coluna de Nelson Trafalgar Square, Londres.	22
Figura 6 - 12 pessoas vivendo em um quarto de 4m de comprimento.....	23
Figura 7- Daguerreotipo do Paço Imperial do Rio de Janeiro	26
Figura 8 - Rua Antonina (atual 15 de Novembro), Militão Azevedo.....	26
Figura 9 - Vista Sul da Avenida Central do Rio de Janeiro	27
Figura 10 - Mapa de Luís Teixeira: Capitânicas Hereditárias	29
Figura 11 - Cartão Postal ilustrando a França Equinocial	30
Figura 12 - Detalhe da Ilha do Maranhão – Teixeira Albernaz	31
Figura 13 - Vista panorâmica de São Luís, Franz Post (1647).....	32
Figura 14 - Mapa Urbs Ludovici, Franz Post (1647).....	32
Figura 15 - Vista da cidade a partir da ponta de São Francisco. (Gravura de Ricardo Canto, 1860).....	34
Figura 16 - detalhe da planta holandesa de 1647, Johannes Vingboons	35
Figura 17 - planta da cidade de São Luís de 1950.....	35
Figura 18 - Zonas e limites de proteção do centro antigo de São Luís	37
Figura 19 - Mapa de Localização da Rua da Estrela.....	39
Figura 20 - Rua da estrela em 1908, foto de Gaudêncio Cunha	40
Figura 21 - Mapa de Localização da Portugal.....	41
Figura 22 - Rua Portugal 1908 por Gaudêncio Cunha	42
Figura 23 - Maia & Sobrinhos e Cia, uma das primeiras e mais importantes casas comerciais do Maranhão, Rua da Estrela séc. XIX	44
Figura 24 - Praça do Comércio, Rua da Estrela 1899.....	44
Figura 25 - Um dos primeiros cartões postais emitidos no Maranhão, Praça do Comércio, Rua da Estrela (1905).....	46
Figura 26 - Rua da Estrela, 1905	46
Figura 27 - Rua da Estrela (ca. 1904)	47
Figura 28 - Rua Portugal ,meados de1904	47

Figura 29 - Filas de escravos nos armazéns de secos e molhados (1908).....	48
Figura 30 - Rua ocupada por pedestres, trabalhadores e carroças e sacos de algodão e babaçu, principais cultivos maranhenses da época, cartão postado em 1916	48
Figura 31 - Agência Bancária London Bank, Rua da Estrela (1906)	49
Figura 32 - Linhas do Bonde na Rua do Trapiche	49
Figura 33 - Cartão fotográfico emitido por foto nômade, Rua da Estrela (1930)	50
Figura 34 – Cerimônia Religiosa na Rua da Estrela, cartão postado em 1934	50
Figura 35 - Carroças na Rua da Estrela, por Tibor Jablonsky (década de 50).....	51
Figura 36 - Rua da Estrela final da década de 50	52
Figura 37 – Caminhão e carros na Rua Portugal	52
Figura 38 - Ponte José Sarney (1971)	53
Figura 39 - Algumas lojas tradicionais ainda se mantêm , cartão postal de 1970	54
Figura 40 - Condição dos sobrados da Rua Portugal em meados de 1970	54
Figura 41 - Rua da Estrela antes da revitalização	55
Figura 42 - Rua Portugal antes da revitalização.....	56
Figura 43 - Rua Portugal durante a revitalização (década de 80)	56
Figura 44 - Rua Portugal Após revitalização (década de 80)	57
Figura 45 - Rua da Estrela após a revitalização, Cartão fotográfico emitido pelo governo do Estado (década de 80)	57
Figura 46 - Rua da Estrela na década de 80.....	58
Figura 47 - Vista da Rua da Estrela. Fotografia de Lucas Nogueira	58
Figura 48 - Vista do da Rua da Estrela, com Sobrado do Largo do Comércio à direita, 1905.....	59
Figura 49 - Sobrado do Largo do Comércio, atual Defensoria Pública do Estado, 2018	59
Figura 50 - Casas onde atualmente se encontra o Teatro, cartão postado em 1904, foto de Gaudêncio Cunha	60
Figura 51 - Teatro João do Vale (à esquerda), 2018.....	60
Figura 52 - 472, Rua da Estrela em 1908	61
Figura 53 - Atual Curso de Arquitetura e Urbanismo (2018)	61
Figura 54 - Solar dos Vasconcelos, 1986.....	62
Figura 55 - Figura- Solar dos Vasconcelos, (ca. 2008)	62
Figura 56 - Vista da Rua Portugal	63

Figura 57 - Rua Portugal, luz do entardecer realçando os azulejos portugueses	63
Figura 58 - Silva Maia & Cia LTDA. E Lages e Companhia, década de 70.....	64
Figura 59 - Secretaria de Cultura do Estado, 2018	64
Figura 60 – Armazém Cunha & Santos.....	65
Figura 61 - Centro de Capacitação Tecnológica do Maranhão (CECETMA)	65
Figura 62 - Montagem mostrando a Feira da praia grande (à esquerda) e atual (à direita)	66
Figura 63 – Montagem mostrando supostas ruínas do London Bank (à esquerda) ¹ e antigo London Bank (à direita) ²	66
Figura 64 – Montagem mostrando a Rua da Estrela (esquerda) e a Rua Portugal (direita)	67
Figura 65 - Encontro da Rua da Estrela (ao fundo) com a Rua Portugal. Fotografia de Luísa Henriques	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. BREVE HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA E OS REGISTROS FOTOGRÁFICOS NO BRASIL.....	18
2.1 A Fotografia e a cidade.....	19
2.2 A Fotografia, memória e identidade	24
2.3 Principais registros fotográficos no Brasil (séc. XIX e XX)	25
2.3.1 Principais registros de São Luís no séc. XX.....	27
3. CENTRO HISTÓRICO: ONDE NASCEM AS RUAS.....	29
3.1 Fundação	29
3.2 Centro Histórico	35
4. ESTUDO DE CASO: RUA DA ESTRELA E RUA PORTUGAL.....	39
4.1 Apresentando a Rua da Estrela	39
4.2 Apresentando a Rua Portugal	41
4.3 Breve contexto histórico	43
4.4 Registros fotográficos do século XX.....	45
4.4.1 Década de 20	49
4.4.2 Década de 30	50
4.4.3 Década de 40	51
4.4.4 Década de 50	51
4.4.5 Década de 60	52
4.4.6 Década de 70	53
4.4.7 Década de 80	54
4.5 Cenário atual: novos usos.....	58
5. CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS.....	70

ANEXO I – TRECHO DA OBRA O MULATO, DESCRIÇÃO DA PRAIA GRANDE E RUA DA ESTRELA.....	75
ANEXO II – LOUVAÇÃO A SÃO LUÍS, BANDEIRA TRIBUZZI.....	77

1. INTRODUÇÃO

Para entender a cidade é necessário estudar e analisar as transformações urbanas que levaram a sua configuração atual. Fundada por franceses, colonizada por portugueses e invadida por holandeses, a cidade de São Luís do Maranhão possui uma história rica, de auge e decadências, renovações e mudanças, marcadas nas ruas do Centro Histórico. O Centro foi o marco inicial da cidade e não somente o seu traçado, mas cada rua e edifício possui um grande valor histórico e sentimental, guardando memórias de várias épocas e acontecimentos. Através do estudo da Rua da Estrela e da Rua Portugal, a partir de registros fotográficos, este trabalho dedica-se a ampliar as pesquisas acerca da memória, das transformações urbanas e registros fotográficos.

Este trabalho surgiu da necessidade de entender a história destas ruas que fazem parte do convívio da autora há mais de dez anos (Rua Portugal) e há quase cinco anos (Rua da Estrela, na qual se situa ao Curso de Arquitetura e Urbanismo – UEMA), que um dia já fizeram parte da “Belle Époque” ludovicense, quando a cidade possuía uma grande relevância nacional e até mesmo internacional. Procurar compreender o seu passado e também entender os fatos e escolhas que levaram a sua configuração atual, resgatar um pouco de sua memória e analisar as transformações pelas quais passou. O século XX foi escolhido como recorte temporal por sugestão da banca de docentes, pois se trata de um período de transformações e de maior concentração de produções fotográficas maranhenses, como os álbuns e também cartões postais. Este trabalho objetiva estudar a história da Rua da Estrela e Portugal, seus usos e características do passado; analisar os registros fotográficos destas durante o século XX, traçando um paralelo com a história da cidade de São Luís; compreender através dos registros e bibliografia as transformações ocorridas ao longo do tempo.

O estudo é de grande importância, pois através deste pôde-se perceber a importância dos registros fotográficos urbanos, aprofundar o conhecimento a respeito da fotografia no Brasil, em especial do acervo fotográfico maranhense que:

Comparado ao de outras capitais brasileiras, o acervo iconográfico relativo a São Luís é pequeno, embora a afirmação mereça reservas, levando-se em conta o fato de ainda não se achar tal acervo conhecido em sua totalidade ou pelo menos em proporção inequivocamente representativa de seu universo. Algumas coleções particulares e outras sob custódia de órgãos públicos

poderiam compor um conjunto expressivo de imagens da cidade, inobstante subsista a certeza de que muito ainda poderá ser acrescentado, como resultado de pacientes pesquisas. (MORAES, 2012).

Foi possível compreender melhor a história da Rua da Estrela e Portugal, entender processos que levaram à sua configuração atual e seu lugar de valor, junto à história da cidade de São Luís.

Para elaboração deste trabalho foi utilizada como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica feita através de livros, artigos, publicações, sites, álbuns fotográficos, cartões postais, acervos públicos entre outros. Primeiramente foram feitas pesquisas acerca da fotografia, no contexto mundial, em seguida sua chegada ao Brasil e na cidade de São Luís. Posteriormente foram coletadas imagens e iconografias relacionadas à história de São Luís e das ruas estudadas, em paralelo com a pesquisa bibliográfica. Para isso foram consultados acervos digitais e físicos com destaque para a Brasileira Fotográfica, Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e no que diz respeito aos registros fotográficos brasileiros e a Biblioteca Pública Benedito Leite, onde através da instrução de funcionários foram sugeridos autores como Carlos de Lima (2002), Domingos Vieira (1971) para embasamento teórico sobre a história das ruas de São Luís e Antônio Guimarães de Oliveira (2010) como fonte não somente de história, mas também de cartões postais e vários registros utilizados no trabalho e os demais Álbuns disponibilizados no acervo digital da Biblioteca. Também foi consultada a Biblioteca do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEMA, em especial, o Guia de Arquitetura e Paisagem, que traz informações históricas, arquitetônicas e sócio econômicas a respeito de São Luís. As imagens coletadas não digitais foram digitalizadas, foi feito o cruzamento de dados entre as imagens e os dados de pesquisa bibliográfica, em seguida dispostas cronologicamente, de acordo com a história da cidade.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta um breve histórico da fotografia e dos registros fotográficos no Brasil nos séculos XIX e XX. Primeiramente são abordados os mecanismos que precederam a fotografia e como estes auxiliavam na elaboração de vistas e paisagens urbanas. Em seguida, é tratado o surgimento da fotografia, bem como o seu contexto histórico, sua relação com a cidade, o seu papel como ferramenta de estudo e até mesmo agente transformador. É ressaltada a importância destes registros para documentação, memória e

identidade, como para a criação de um repertório visual. Posteriormente, é apresentada a chegada da fotografia no Brasil e são citadas algumas das principais produções fotográficas urbanas elaboradas nos séculos XIX e XX, para em seguida tratar-se da chegada da fotografia na capital do estado do Maranhão, como também suas principais produções deste período, os álbuns fotográficos, fazendo uma breve descrição e cronologia destes.

Para compreender o contexto no qual as ruas estão inseridas e a sua configuração, é preciso estudar suas origens. As ruas do estudo de caso se encontram localizadas no Centro Histórico de São Luís, marco inicial e núcleo fundacional da urbe. Sendo assim, o segundo capítulo se dedica a explanar um pouco da história da cidade de São Luís, desde a fundação até meados do século XVIII para que se possa compreender as influências estrangeiras e os elementos históricos e sociais que contribuíram para a formação destas ruas e do seu caráter. Também neste capítulo é enfatizada a importância destes fatores, que influenciaram a forma como a cidade se expandiu até mesmo dois séculos depois do domínio português e a importância do Centro Histórico, não somente para São Luís, mas sua relevância e singularidade no contexto nacional e como patrimônio mundial da humanidade. São apresentados dados técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) acerca do Centro e trechos de análises feitas pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO) e pelo Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), ratificando esta importância.

Finalizando, o terceiro capítulo constitui o estudo de caso das ruas da Estrela e Portugal. Este capítulo conta com uma apresentação das ruas e de suas histórias, usos e características, baseados em pesquisa bibliográfica. Em seguida é feito um contexto histórico para que se possa chegar ao recorte temporal e temático do século XX e compreender as transformações registradas nas fotografias. Mais adiante, são apresentados os registros fotográficos obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e consulta em acervos públicos digitais e físicos, dispostos de maneira cronológica, sendo trabalhada paralelamente a história da cidade neste período e as principais transformações das décadas nas quais as fotografias foram produzidas. Para elaboração deste capítulo foram utilizados cartões postais e fotografias encontradas em álbuns, livros e acervos digitais compreendendo o período de meados de 1900 a 1980. Por último são apresentadas fotografias atuais das ruas,

como também de edificações que receberam novos usos, fazendo comparação com os registros antigos.

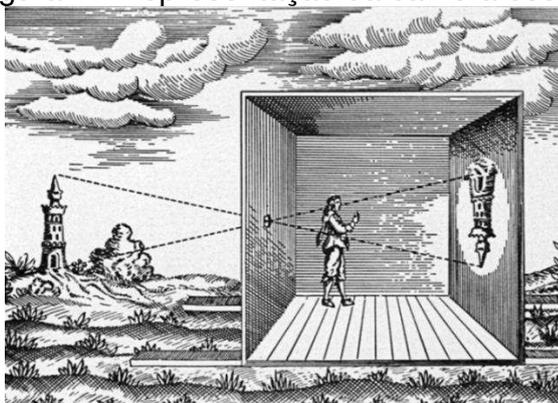
2. BREVE HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA E OS REGISTROS FOTOGRÁFICOS NO BRASIL

Desde a antiguidade o homem buscou representar o meio no qual vivia, fazendo registros históricos que são estudados e analisados até os dias atuais. Através destes podemos compreender um pouco da realidade da época em que foram feitos e analisar as transformações espaciais, sociais e culturais ocorridas ao longo do tempo. Segundo MAYA (2008), desde os primórdios, o ser humano por acaso ou observação, constatou fenômenos naturais e passou a usá-los em benefício próprio, e assim surgiram noções efêmeras de reprodução - como as pinturas rupestres - formas primárias do que viria a ser a expressão fotográfica.

Sabe-se que desde a Grécia Antiga, o homem já possuía o conhecimento de técnicas e mecanismos que antecederam a fotografia, como a câmera escura. Por mais que sua origem seja incerta, datando de aproximadamente 300 a.C., muitos estudiosos atribuem a sua criação ao filósofo e matemático grego Aristóteles. (AZEVEDO, 2015).

A câmera escura foi uma das primeiras ferramentas que permitiram ao homem registrar e reproduzir imagens de paisagens urbanas. Utilizando princípios básicos da óptica, ela consistia em um compartimento fechado, possuindo como única fonte de luz um orifício, formando na parede oposta uma imagem invertida do que se encontrava do lado de fora do compartimento.

Figura 1 - Representação da câmera escura



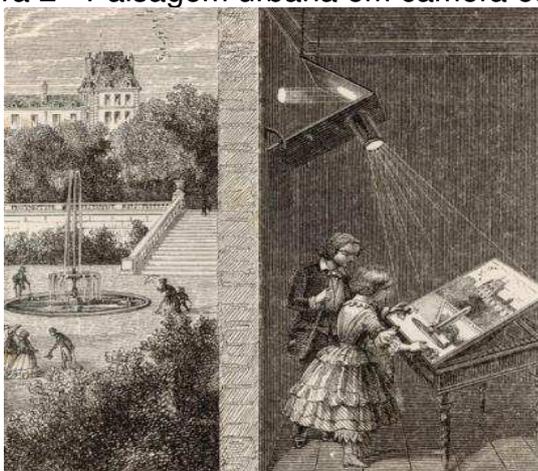
Fonte: <https://www.photoion.co.uk/>

Apesar de ser conhecida desde a antiguidade, o seu uso se tornou mais popular e relevante no século XVII, durante o Renascimento, após a descoberta da perspectiva. Foram desenvolvidos vários estudos acerca da câmara e ela passou a

ser utilizada como uma ferramenta auxiliar a pintura facilitando a compreensão e representação de paisagens (figura 2). (MAYA, 2008).

Durante séculos o homem serviu-se da câmera obscura, instrumento que o favorecia para desenhar uma vista, uma paisagem que por alguma razão lhe interessou conservar a imagem. A imagem dos objetos do mundo visível, [...] podia ser delineada e, de fato, viajantes, cientistas e artistas fizeram o uso do aparelho, obtendo, sobre papel, esboços e desenhos da natureza. (KOSSOY, 1941, p. 35)

Figura 2 - Paisagem urbana em câmera escura



Fonte: <https://www.dailymail.co.uk/>

A câmera escura teve grande impacto nas representações de paisagens e vistas panorâmicas urbanas, pois possibilitava que o mundo tridimensional fosse convertido em uma imagem bidimensional tornando as pinturas mais fiéis à realidade.

O uso da câmera escura, por vários pintores do século XVII e XVIII, estabelecia novos parâmetros visuais. Por volta de 1584, vários artistas europeus utilizavam aparelhos ópticos para mediar o olhar e auxiliar na elaboração do desenho de paisagem e para o retrato, e estes, influenciaram as fotografias de vistas urbanas. (AZEVEDO, 2015, p. 457)

Os princípios aplicados na câmera escura serviram de base para o avanço das técnicas, que posteriormente levariam ao surgimento da fotografia em meados do século XIX durante a primeira revolução industrial.

2.1 A Fotografia e a cidade

Desde o surgimento da fotografia no século XIX, as cidades tem sido o principal objeto a ser retratado. Isso se deu – pela necessidade de retratar a urbe em que se vivia e as mudanças pelas quais ela passava- não somente porque a cidade

era o meio em que se vivia e suas mudanças precisavam ser retratadas, mas também devido à limitação das técnicas e equipamentos da época que demandavam imobilidade, tempo para que os produtos reagissem e uma longa exposição à luz, fazendo com que fotos de objetos fixos fossem mais apropriadas, garantindo melhores resultados. (AZEVEDO, 2015)

Para entender a relação entre a cidade e a fotografia é preciso analisar o contexto histórico em que esta surgiu. A invenção se deu em meio a Primeira Revolução Industrial, quando foi descoberto o uso do carvão como principal meio de energia, dando início ao uso de máquinas a vapor e locomotivas, aumentando o transporte de matérias primas, pessoas e mercadorias, marcando uma nova era através do processo industrial. Ocorreu um fenômeno de crescimento exponencial na urbe, devido ao e ao êxodo rural, provocando grandes transformações na dinâmica das cidades. (FREITAS,200-) Logo, pode-se dizer que a fotografia surge de forma paralela ao advento das metrópoles europeias em um período de diversas descobertas tecnológicas. (POSSAMAI, 2008)

A imagem fotográfica surgiu no século XIX, num período de desenvolvimento tecnológico em que novas fontes de energia e grandes indústrias abasteceram a sociedade nas grandes capitais europeias e nos Estados Unidos. (MAYA, 2008, p.106)

Os avanços tecnológicos permitiram o desenvolvimento de estudos acerca dos materiais fotossensíveis que seriam capazes de captar as imagens projetadas nas câmaras escuras.

As primeiras fotografias foram feitas por Joseph Nicéphore Niépce, assim como a primeira foto de paisagem urbana (figura 3). (MAYA 2008) Após oito horas de exposição foi fixada quimicamente sobre o papel a imagem projetada no interior de uma câmara escura. Segundo a enciclopédia Larrouse, ela mostrava os telhados das casas vizinhas, vistas da janela do sótão da casa de Niépce. (ENCYCLOPÉDIE LAROUSSE).

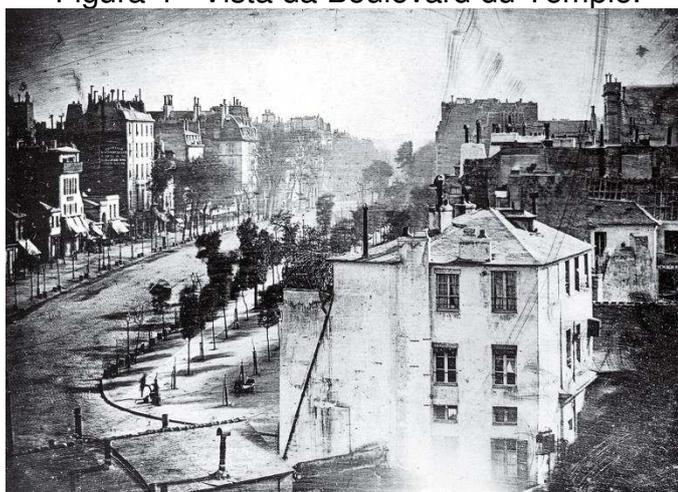
Figura 3 - Vista da Janela em Les Gras.



Fonte: <http://www.niepce-daguerre.com>

As técnicas de Niépce foram aprimoradas por Louis Jacques Mandé Daguerre e com a criação do daguerreotipo, foi comunicada na França, oficialmente em 1839 a invenção da fotografia. Entretanto, a Inglaterra também desenvolveu avanços no campo e assim como a França se considera descobridora da fotografia, através do trabalho de William Henry Fox Talbot com o desenvolvimento do calótipo e o seu sistema negativo-positivo em 1834. Ambos tiveram grande importância e contribuíram para a produção de registros urbanos, com destaque para o Boulevard du Temple de Louis Daguerre em 1839 (figura 4) e Nelson's Column under Construction de Henry Talbot em 1844 (figura 5).

Figura 4 - Vista da Boulevard du Temple.



Fonte: <http://100photos.time.com/photos>

Figura 5 - Coluna de Nelson Trafalgar Square, Londres.



Fonte: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art>

Além de fornecer uma referência ao estudo das construções mais antigas - assunto de grande interesse na época - as fotos serviam como registro documental dos espaços edificados, capturando as transformações pelas quais passavam as grandes cidades. Com este intuito, profissionais eram contratados a serviço de órgãos públicos para fazer o registro e documentação de áreas, espaços e bairros que sofreriam mudanças. Esses registros poderiam ser feitos durante um longo período, às vezes chegando a documentar mais do que duas décadas de fotografias urbanas. (POSSAMAI, 2015).

Destaca-se, na segunda metade do século XIX, o trabalho do fotógrafo Charles Marville na França, contratado para registrar durante 15 anos as transformações em Paris, e na Alemanha, Max Missmann que acompanhou as diferentes etapas da construção de Berlim durante 40 anos, no período de 1899 a 1939.

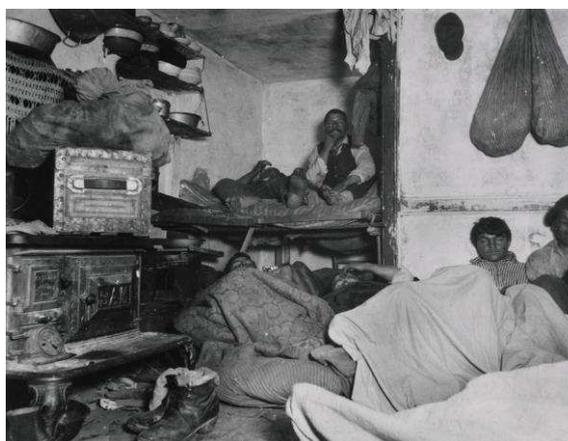
No mesmo sentido cientificista dado a ela no que se refere à cidade, a fotografia foi utilizada para documentar os monumentos urbanos com o propósito de registrar fielmente seus mais recônditos detalhes, visando à posterior restauração deles. Ainda na perspectiva de registro objetivo da realidade, a fotografia foi utilizada para a elaboração de imagens arquitetônicas, condicionando a determinados padrões as vistas urbanas produzidas. (POSSAMAI, 2015, p.69)

Além de documentar, a fotografia também assumiu o lugar de agente transformador na cidade. Como mostra o documentário *“America The Story of Us”* (2010) do History Channel, as fotografias captaram aspectos das cidades gerados pela Revolução industrial, que eram desconhecidos ou ignorados por algumas

classes sociais e pelo Estado, que somente vislumbravam os benefícios proporcionados pelos avanços tecnológicos.

Desconheciam as péssimas condições de vida das classes mais baixas habitando bairros sem saneamento, com excesso de fumaça gerada pela queima do carvão e o “amontoamento” de várias famílias vivendo em edifícios e casas sem nenhuma infraestrutura, que não suportavam aquela quantidade de moradores. Em Nova York, as fotografias de Jacob Riis revelaram a realidade, até então ignorada, de grande parte da população em seu trabalho “*How the Other Half Lives*” de 1890, sendo um dos pioneiros no uso do *flash*, foi capaz de mostrar e iluminar a triste realidade dos cortiços americanos mesmo sem energia elétrica (figura 6).

Figura 6 - 12 pessoas vivendo em um quarto de 4m de comprimento



Fonte: <https://allthatsinteresting.com/jacob-riis>

Com o início do século XX, as cidades se tornam cada vez mais complexas e sua dinâmica muda constantemente. A fotografia acompanha a dinâmica da cidade, com suas ruas agora movimentadas por automóveis e trens e diversos usos das edificações. A tecnologia segue avançando, assim como a fotografia e várias surgem várias formas de produções e publicações da cidade, como os álbuns temáticos, livros e cartões postais e as vistas urbanas.

A fotografia, então, foi acolhida como necessária num espaço urbano no qual as máquinas e os procedimentos mecânicos ditavam o ritmo e onde velocidade e mobilidade solapavam os quadros tradicionais de referência. Nessa perspectiva, a fotografia se colocou como instrumento capaz de construir uma representação visual do urbano, tornando a cidade colossal redutível a uma imagem bidimensional inteligível e ao alcance das mãos. (POSSAMAI, 2015, p.70)

No contexto arquitetônico, as vistas urbanas se tornam cada vez mais populares, privilegiando as principais ruas, monumentos antigos, edifícios suas fachadas e detalhes. As vistas, que antes necessitavam de tripé para serem

realizadas, e demandavam tempo para reação das emulsões, passa a poder contar com a máquina portátil que facilitou ainda mais o trabalho de amadores e profissionais. (POSSAMAI, 2015).

2.2 A Fotografia, memória e identidade

A história da fotografia está ligada à obstinação do homem em eternizar os momentos da vida, na busca por congelar o tempo por meio do desenho, da pintura, da literatura, da escultura e dos monumentos (MAYA, 2008, p.107).

Devido a sua capacidade de construir uma imagem fiel da realidade, a foto consegue alcançar uma objetividade que o desenho jamais alcançou. Ela ainda torna possível a recriação de uma experiência imaginária, dependendo das técnicas utilizadas, de se estar no lugar e momento em que foi realizada. Captando elementos específicos ao momento em que o registro foi feito, se tornando a principal fonte de memória histórica e visual da sociedade.

As fotografias, ao lado da escrita, integram as chamadas memórias artificiais [...] As imagens técnicas, entre elas a fotografia, passam a ser as mediadoras entre o indivíduo e sua memória. (POSSAMAI, 2008, p.76)

Ao analisar fotos antigas é possível acessar lembranças do passado, em uma espécie de simulação, conduz o observador, no presente, a uma viagem por um tempo passado e a identificar elementos que já não mais existem no tempo presente. Além da memória de um lugar conhecido e das experiências vividas naquele espaço, é possível, mesmo sem nunca se ter ido a uma determinada cidade, através de fotos construir uma memória visual das ruas, edifícios e dos principais monumentos. Papel que era desempenhado pelos álbuns, livros de fotografia e cartões postais urbanos.

De acordo com Azevedo (2015, p.463, apud CUNHA, 2007, p.3), ao falar sobre a importância das imagens na construção de nossas memórias e referências visuais, as “nossas coleções de imagens, sejam pela insistência de seus significados inscritos culturalmente e outros que atribuímos a elas, ou por vínculos afetivos que criamos com estas figurinhas, ficam preservadas cuidadosamente em nosso imaginário e passam a compor nossos repertórios visuais”.

A cidade não é apenas um cenário. É o espaço em que se vive, e um reflexo dos acontecimentos que ocorrem diariamente. Ela é um resultado dos

processos sociais, econômicos, culturais, políticos vividos, carregados de simbolismo e valor histórico. (AZEVEDO, 2015) Ao observarmos fotos de ruas e edificações, podemos, através de suas características visuais, perceber ou atribuir uma identidade ao local. Através da análise e do estudo destes registros, é possível perceber a relação entre os elementos que compõem as ruas, suas funções históricas e sociais, seu estilo arquitetônico, dentre vários outros aspectos, como também a sua interação como um todo e transformações ocorridas ao longo do tempo.

[...] compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas. (Azevedo 2015, p.468 apud CANEVACCI, 1990,p.35).

A análise as transformações urbanas a partir de registros fotográficos se assemelha ao ato de criar pontes, entre o passado e o presente, pois, para entender a cidade é necessário estudar e analisar as transformações urbanas que levaram a sua configuração atual. A identidade que atribuímos ao espaço não vem apenas de nosso conhecimento físico, mas também de nossos repertórios visuais anteriores. O turista pode não conhecê-la pessoalmente, mas certamente poderá identificá-la por suas várias fotografias ou, simplesmente, identificar sua importância por conhecer, através de fotografias, outras de mesmo estilo arquitetônico.

2.3 Principais registros fotográficos no Brasil (séc. XIX e XX)

Dom Pedro II foi um grande incentivador da fotografia no Brasil e o primeiro brasileiro a adquirir um daguerreotipo quando, logo após o anúncio da invenção, o francês Louis Comte apresentou-lhe o invento no Rio de Janeiro. Devido ao seu interesse no assunto, implantou e ajudou decisivamente o desenvolvimento da fotografia no país. (BRASILIANA FOTOGRÁFICA, 2016).

Segundo a Folha de São Paulo, a primeira fotografia brasileira foi um daguerreotipo, feito por Louis Comte em 1840, mostrando o Paço Imperial do Rio de Janeiro.

Figura 7- Daguerreotipo do Paço Imperial do Rio de Janeiro

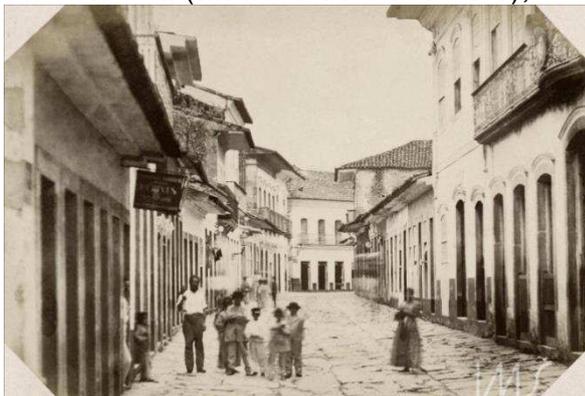


Fonte: <https://diariodoturismo.com.br/>

A fotografia, ao captar as imagens das mudanças em curso, acabou sendo concebida como capaz de registrar e reter a memória de diferentes aspectos das cidades brasileiras. Nessa direção, foi valorizada principalmente pelo seu aspecto testemunhal, o que explica a presença de grande número deste tipo de documento em muitos de nossos arquivos e museus (POSSAMAI, 2015, p.71).

Conforme na Europa, no Brasil foram produzidas vistas urbanas e álbuns fotográficos retratando as transformações urbanas. Como principais produções do século XIX podemos citar no Rio de Janeiro, o álbum *Brazil Pitoresco* (1860) de Victor Frond, que segundo SEGALA (1999, p.159) é considerado o mais ambicioso trabalho fotográfico realizado no país durante o século XIX (apud VASQUEZ, 1985, p. 18). Em São Paulo, destaca-se nessa produção o projeto do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo que registrou a cidade durante 25 anos, criando o *Álbum comparativo da cidade de São Paulo* (1862-1887).

Figura 8 - Rua Antonina (atual 15 de Novembro), Militão Azevedo



Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana>

As vistas de Militão foram os únicos registros fotográficos da São Paulo colonial e inauguraram a tendência de edição de álbuns comparativos, boa parte produzida pela administração municipal, com o intuito de divulgar positivamente as reformas realizadas no período em que o centro da cidade sofreu profundas transformações urbanas. (POSSAMAI, 2015, p.71).

No início do século XX outro importante registro urbano é feito pelas lentes de Marc Ferrez: a construção da Avenida Central, no Rio de Janeiro, até então capital federal, no governo de Pereira Passos. É criado o álbum Avenida Central: 8 de março de 1903 a 15 de novembro de 1906. Compatibilizando dados com plantas e fachadas técnicas dos edifícios, o fotógrafo registrou cada um individualmente e posteriormente fez panorâmicas dos quatro eixos da avenida, durante três anos. (BRASILIANA FOTOGRÁFICA, 2015).

Figura 9 - Vista Sul da Avenida Central do Rio de Janeiro



Fonte: álbum Avenida Central 8 de março de 1903 15 de novembro de 1906, Marc Ferrez

2.3.1 Principais registros de São Luís no séc. XX

Conforme já citado anteriormente, houve uma grande influência internacional nos primórdios da fotografia no Brasil, e no Maranhão não foi diferente. Acredita-se que a origem da fotografia em São Luís se deu em meados de 1846 (sete anos após a invenção da fotografia), com a chegada do daguerreotipista Charles D. Fredericks, para fazer retratos coloridos. A partir de 1880 começam a surgir os primeiros estabelecimentos fotográficos, como a Photographia União de Gaudêncio Cunha (FAGUNDES e CASTRO) apud SARDINHA (1987).

Na capital do estado, dentre as principais produções fotográficas urbanas destacam-se o Maranhão Ilustrado, que segundo PFLUEGER e FURTADO (2011) foi a primeira publicação desse gênero na capital, o álbum de 1908 de Gaudêncio

Cunha, o Álbum Comemorativo do 3º Centenário da Fundação da cidade de São Luís e o Álbum do Maranhão – 1923, por. A. Cavalcanti Ramalho.

Como também o Álbum do Maranhão de 1950, elaborado pelo jornalista Miécio Jorge e uma equipe de profissionais formada por fotógrafos, desenhistas e artistas locais.

O álbum é visto hoje como uma fonte de pesquisa e comparações com a atual realidade do Estado do Maranhão, seja ela no âmbito político, financeiro, social e principalmente urbano e arquitetônico. (PFLUEGER; FURTADO, 2001, p. 77).

Já na segunda metade do século, através do IBGE é criado um grande arquivo fotográfico do território brasileiro. Para isso foram realizadas excursões de 1942 a 1968 com uma equipe de fotógrafos profissionais, dentre eles, Tibor Jablonsky, Tomas Somlo e Stivan Faludi. Além de produzir um grande acervo visual para o IBGE, foi criada a Enciclopédia dos municípios brasileiros, mostrando as cidades brasileiras no período de 1957 a 1960, com uma abordagem histórica, geográfica e socioeconômica. A enciclopédia consistia em duas partes: uma apresentando as regiões do país de uma forma mais abrangente e na segunda, as informações sobre cada município, ilustradas com fotografias. Essa iniciativa do IBGE foi de grande importância para registrar e trazer a luz vários aspectos de municípios brasileiros. (ABRANTES, 2006).

Estes registros acompanharam o que pode ser denominada era do desenvolvimentismo brasileiro, com o surgimento de novas modalidades de trabalho e desaparecimento de outras. No estado do Maranhão, foram estudados aproximadamente 90 municípios, dentre eles, a capital do estado, São Luís. A enciclopédia fez importantes registros, ampliando o acervo fotográfico urbano somando-se a outras produções locais feitas nos séculos XIX e XX.

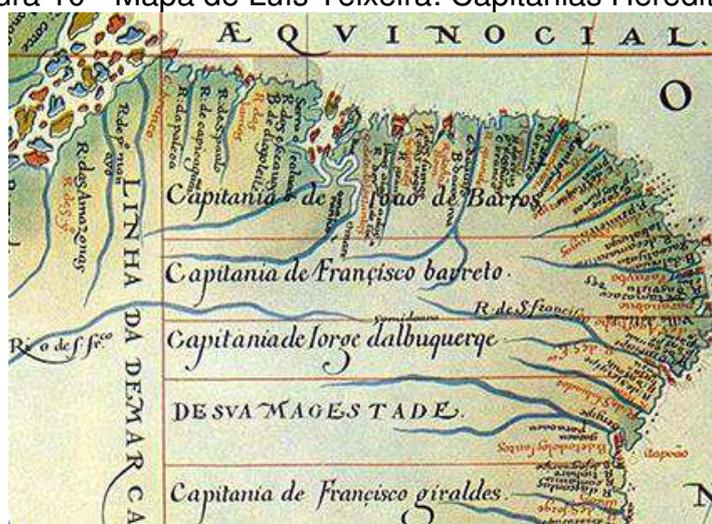
3. CENTRO HISTÓRICO: ONDE NASCEM AS RUAS

Para entender as ruas é necessário buscar em suas origens os fatores que geraram a configuração. As ruas que serão citadas no próximo capítulo estão situadas no Centro Histórico de São Luís, marco inicial, no qual a cidade foi fundada.

3.1 Fundação

A fundação de São Luís teria se iniciado em meados de 1540, através de uma expedição organizada por Ayres da Cunha, para desenvolver a capitania que foi concedida a João de Barros, que partiu de Lisboa em direção à costa maranhense. Após a ocorrência de um naufrágio, os sobreviventes chegaram a uma grande ilha fundando ali, a povoação de Nazaré. (ANDRÈS, 2014).

Figura 10 - Mapa de Luís Teixeira: Capitânicas Hereditárias



<http://www.historia-brasil.com/colonia>

Entretanto essa povoação não teve sucesso, e as tentativas de outros donatários como Luís de Melo da Silva e Luís de Gamboa de povoar o local foram frustradas. Foi então que em 1610, Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, veio ao Maranhão pela primeira vez, em uma viagem de reconhecimento. Posteriormente conseguiu autorização da rainha da França Maria de Médici para fundar uma colônia e construir um forte. (MEIRELES, 2012)

Em 1612 os franceses desembarcaram em Upaon-Açu (Ilha Grande), em uma enseada que corresponde aos atuais bairros da Ponta d'Areia e São Francisco.

Com a ajuda dos índios Tupinambás escolheram o local mais apropriado para construção do forte. Além do forte de Saint Louis foram construídas choupanas e uma capela, sendo assim fundada a França Equinocial, que segundo o documento real, poderia ter a extensão de cinquenta léguas em torno. (MEIRELLES 2012 apud D'EVEREUX 1929).

O forte de São Luís consistia em uma medida de proteção para possíveis ataques estrangeiros. Foi construído sobre um rochedo cercado pelos rios Anil e Bacanga. Em pouco tempo terminaram a construção do forte, e além de um armazém que servia para guardar as cargas das naus. Colocaram no alto da montanha, no forte, com ajuda dos franceses, vinte canhões para defesa. (LIMA 2011, p.3 apud PONTES, 2001, p. 37).

Figura 11 - Cartão Postal ilustrando a França Equinocial



Fonte: Livro São Luís Memória e tempo

Entretanto essas medidas não foram suficientes para conter a retomada do território pelos portugueses. Segundo o Guia da Paisagem de São Luís (2008), em 1614 o Governador Geral do Brasil ordenou uma expedição comandada por Jerônimo de Albuquerque e através desta, os reinos ibéricos puseram fim ao domínio francês, ganhando a batalha de Guaxenduba em 1615. O nome São Luís foi mantido para a povoação, mas o forte foi denominado São Felipe, em homenagem ao rei de Portugal e Espanha.

Para garantir e formalizar o domínio português, Jerônimo de Albuquerque, primeiro governador do Maranhão, determinou a organização administrativa de São Luís, quando, entre outras medidas, o engenheiro-mor do Estado do Brasil, Francisco Frias de Mesquita executou, para o desenvolvimento da futura cidade, um plano de arruamento que deveria orientar o seu crescimento e que foi deixado na colônia como norma. Da colônia francesa os portugueses conservaram o núcleo original da cidade, o uso do forte e os edifícios religiosos como a Capela de São Francisco. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Em 1619 os colonos açorianos fundaram a primeira Câmara municipal e foram implantados os cultivos de cana-de-açúcar e de algodão. Em 1621 foi criado o Estado do Maranhão (separado do Estado do Brasil), com a sede (capital) em São Luís (ANDRÈS, 2014).

Figura 12 - Detalhe da Ilha do Maranhão – Teixeira Albernaz



<http://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/>

Em 1641 os holandeses invadiram e ocuparam São Luís, saqueando a cidade e a produção local de açúcar. Somente foram expulsos após três anos de ocupação em uma guerrilha que destruiu mais ainda a cidade/vila. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008). Segundo MEIRELES 2012, além dos prejuízos econômicos e urbanos, a invasão holandesa afetou diretamente o número de habitantes, provocando um esvaziamento, pois quase metade da população da vila e praticamente toda a população masculina foi “deportada” a força em navios. Só pouco mais de dois anos, no entanto, duraria o domínio holandês. De acordo com ANDRÈS (2014), o único legado deixado foi um mapa e uma vista panorâmica cuja elaboração é a atribuída a Franz Post.

Figura 13 - Vista panorâmica de São Luís, Franz Post (1647)



Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

Figura 14 - Mapa Urbs Ludovici, Franz Post (1647)



Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

Na segunda metade do século XVIII, é criada por Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal) a companhia de comércio do Maranhão e Grão Pará e através da mão de obra escrava africana, o Maranhão passa a cultivar algodão em larga escala. O bairro da Praia Grande (atual centro histórico) o principal local de comercialização da mão de obra escrava. Também ocorre nesse período a chegada de várias famílias vindas da região de Açores em Portugal, com isso ocorreu um significativo aumento populacional, no qual São Luís passa de 854 habitantes em 1718, para 16.850 em 1788 (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Em razão das atividades econômicas ligadas ao comércio e a exportação, surgiu a necessidade de uma cidade que correspondesse aos padrões europeus conhecidos pela elite comerciante que se formava. Para isso foram trazidos trabalhadores de Lisboa, assim como materiais como as pedras de lioz, azulejos, dentre outros.

Os métodos construtivos utilizados eram muito semelhantes aos que foram adotados em Portugal após o terremoto de 1755, em uma reconstrução também comandada pelo Marquês de Pombal. Era utilizada uma padronização de elementos, com repetição destes e proporções nos gabaritos. Produzindo não somente edifícios, mas uma identidade arquitetônica e urbana que permanecem até os dias atuais.

[...] padronizar elementos estruturantes em pedra, como vergas, portais e balcões, e pré-fabricar as cantarias em grande quantidade, para a sua aplicação simultânea em dezenas de edificações. Esta providência trouxe como resultado uma repetição intensiva de padrões, uniformidade de gabaritos e modulação de vãos. Repetição esta que culmina por caracterizar a arquitetura produzida sob a égide do Marquês de Pombal e que é vista na chamada baixa pombalina de Lisboa e, também, na arquitetura maranhense do mesmo período. (ANDRÉS, 2014 p.45)

Esses métodos e padrões estabelecidos pelo Marquês na elaboração das edificações caracterizaram a arquitetura desta época tanto em Lisboa, na denominada baixa pombalina, quanto no Maranhão. Como mostra FIGUEIREDO, (2014) quando compara as semelhanças na modulação da abertura dos vãos (cheios e vazios) e outros elementos e padrões construtivos entre as duas figuras abaixo, em seu artigo “A influência pombalina na morfologia urbana de São Luís do Maranhão”.

Figura 16 – Montagem mostrando a semelhança arquitetônica entre uma edificação em Lisboa da Baixa Pombalina (à esquerda) e casarão no Centro Histórico de São Luís (à direita)



Fonte: A influência pombalina na morfologia urbana de São Luís do Maranhão

Devido as correntes marítimas e os ventos, se estabelece uma ligação com a Europa, e São Luís se tornou uma área com um porto comercial que proporcionava o escoamento de mercadorias e de mão de obra, uma capital

relevante no contexto nacional e internacional e também ficou conhecida como Atenas Brasileira, pois muitas famílias enviavam seus filhos para estudarem na Europa, e estes ao retornarem, muitas vezes se destacavam por sua produção intelectual em diversas áreas. (ANDRÉS, 2014)

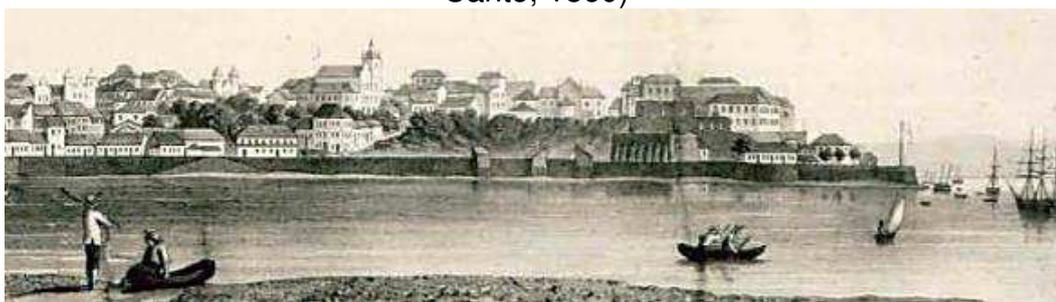
Com a adesão do Maranhão à Independência do Brasil, São Luís foi confirmada como capital da província e em meados de 1861 a Praia Grande é um bairro habitado por comerciantes abastados caracterizado por seu intenso comércio dos mais variados tipos:

[...] armazéns, lojas de fazendas, tipografias, quitandas, barracas, boticas, lojas de ferragens, livros, botequins e bilhares, açougues, casa de pasto, padarias, alfaiates, chapeleiros, sapateiros, ourives, relojoeiros, marceneiros, funileiros, armeiros, caldeiros, charuteiros e picheleiros. Entre 1850 e 1880, instalaram-se as lojas de moda, farmácias, agências de leilões, fábricas de chocolate, de licores, de fogos e foguetes. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008, p. 21)

Na década seguinte, a cidade se desenvolve em decorrência da movimentação econômica e recebe serviços de água canalizada e transporte de bondes puxados a burro. Então, por volta do século XIX, São Luís já possuía sobrados e solares, refletindo na arquitetura, a sua relevância no contexto econômico nacional. A expansão urbana era regulada através de Códigos de Posturas, e seguiam o modelo de uma malha ortogonal com dimensões e larguras pré-estabelecidas, mantendo esse padrão até o período republicano. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

De toda forma, a cidade confirmava o modelo de assentamento adotado pelos colonizadores portugueses. A Cidade Alta, administrativa, militar e religiosa, e a Cidade Baixa, marinheira e comercial, que, associadas à tipologia dominante das edificações surgidas mais tarde, a partir do final do século XVIII, conferem a São Luís sua forte conotação lusitana. (ANDRÉS, 2014, p.43)

Figura 15 - Vista da cidade a partir da ponta de São Francisco. (Gravura de Ricardo Canto, 1860)



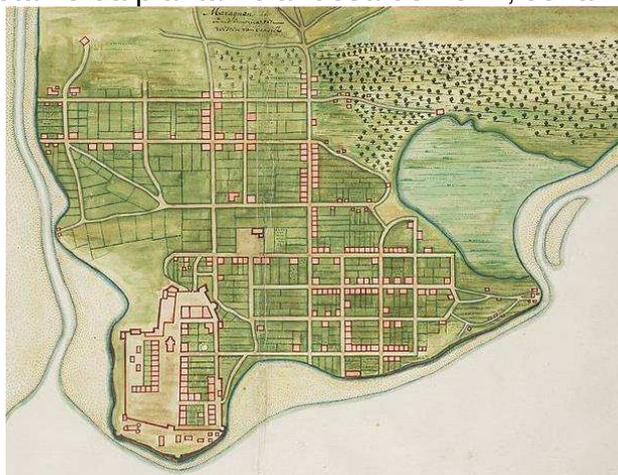
Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

3.2 Centro Histórico

O domínio português e o traçado das ruas planejado por Frias de Mesquita foram determinantes para definir a expansão urbana da cidade. Mesmo as áreas que se consolidaram nos dois séculos seguintes, seguiram o mesmo modelo ortogonal de ruas estreitas com 7 a 10 metros de caixa (largura) e quadras de 80 por 80 metros. (ANDRÈS, 2014, p. 43)

Já No início do século XX, são mantidos o traçado e o núcleo original da cidade colonial (séc. XVII) e alguns usos: habitações praças e mercados. Assim como a arquitetura em estilo Pombalino com suas tipologias e padrões de ocupação dos lotes como principal característica da paisagem urbana de São Luís (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 16 - detalhe da planta holandesa de 1647, Johannes Vingboons



Fonte: <http://www.sudoestesp.com.br/>

Figura 17 - planta da cidade de São Luís de 1950



Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

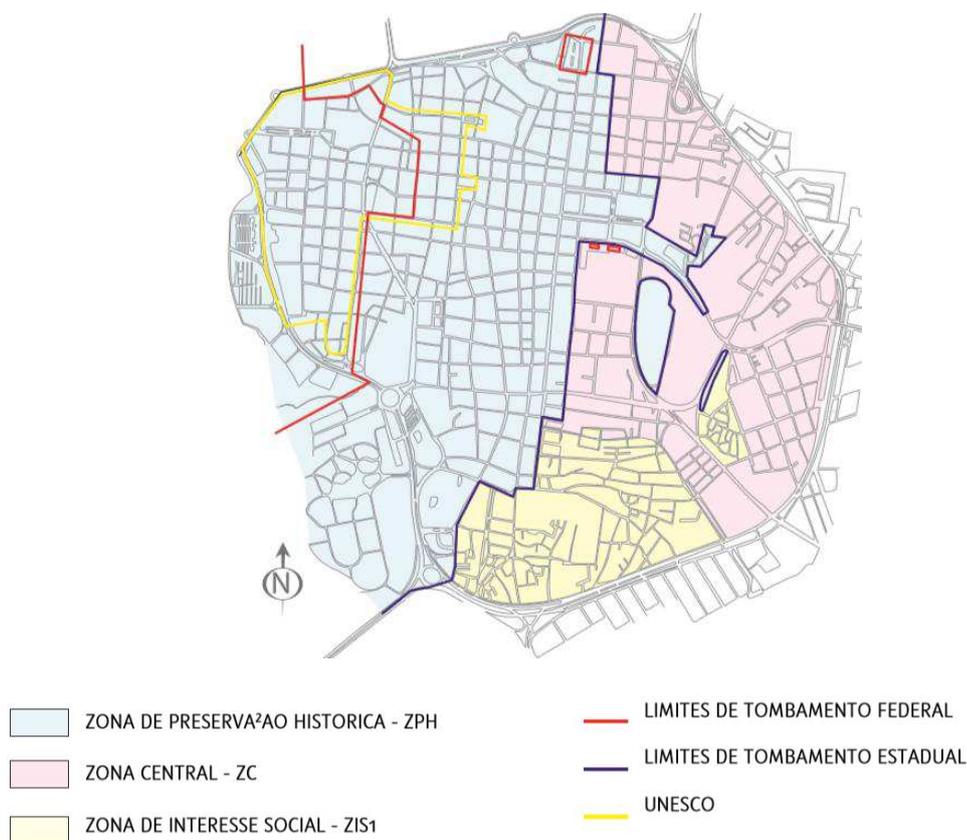
Segundo o IPHAN, O centro histórico de São Luís, que se situa na baía de São Marcos, é um exemplo de cidade colonial portuguesa que se adaptou às condições climáticas da América do Sul, e que manteve um tecido urbano integrado ao ambiente que no qual está inserida. A capital foi tombada pelo Iphan em 1974 e inscrita como Patrimônio Mundial em 6 de dezembro de 1997. Com o núcleo original fundado pelos franceses em 1612, em uma península formada na confluência dos rios Bacanga e Anil, caracteriza-se pela arquitetura civil de influência portuguesa, bastante homogênea.

O tecido urbano do centro histórico foi preservado com todos os elementos que o caracterizam e lhe conferem singularidade, expressos, especialmente, pelas técnicas construtivas utilizadas em adaptação às condições ambientais e possuindo dimensões adequadas que lhe permitem transmitir a sua importância no contexto do processo de ocupação territorial da região. (PORTAL IPHAN)

Essa área possui aproximadamente quatro mil imóveis, que datam dos séculos XVII e XIX, e são protegidos pelas esferas estadual e federal. Muitas destas edificações fazem parte da história da cidade carregam muito significado, como por exemplo, a Catedral, o Palácio dos Leões, a Casa das Tulhas, a Igreja do Carmo, dentre outras. E a arquitetura de muitos destes edifícios históricos, tiram partido das condições climáticas, através do uso da ventilação e sombra, se adequando a estas. (IPHAN).

Em 1986 foi tombada, pelo governo estadual, através do Decreto n.º10.089, a área de entorno do perímetro de tombamento federal, englobando área com 160 hectares e cerca de 2.500 imóveis, que corresponde ao traçado urbano expandido do século XIX. Posteriormente o município ratifica e expande o perímetro protegido em 1992, com as Leis nº3.252 (Plano Diretor) e 3.253 (Zoneamento, Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo Urbano) a Zona de Preservação Histórica (ZPH) e considerando, todo o conjunto urbano envolvido pelo Anel Viário como o centro antigo da cidade. Em dezembro de 1997, parte do Centro Histórico de São Luís, foi incluída pela Convenção do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na Lista do Patrimônio Mundial. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 18 - Zonas e limites de proteção do centro antigo de São Luís



Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

De acordo com o Guia de Arquitetura e Paisagem (2008), São Luís é o único conjunto urbano brasileiro reconhecido pela UNESCO, que a inscrição na Lista do Patrimônio Mundial se dá por três critérios diferentes:

Os critérios citados incluem-se na Convenção do Patrimônio Mundial, e são: “iii- Testemunho excepcional de tradição cultural”; “iv- Exemplo destacado de conjunto arquitetônico e paisagem urbana que ilustra um momento significativo da história da humanidade”; e “v- Exemplo importante de um assentamento humano tradicional que é também representativo de uma cultura e de uma época”. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008 p. 47).

Ainda conforme o IPHAN, a cidade é um exemplo de um momento muito importante da história Brasil, no que diz respeito à arquitetura e urbanismo da primeira metade do século XIX. É a única cidade no mundo (imediatamente próxima à linha do Equador) que constitui “um verdadeiro sucesso urbano antigo”. Pode ainda ser comparada com a capital do Equador, Quito, entretanto esta se encontra nos Andes e São Luís está situada a nível do mar. (PROPOSTA DE INCLUSÃO DO

CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS NA LISTA DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO,1997)

O ICOMOS avaliou o centro histórico de São Luís como um exemplo excepcional de uma cidade colonial portuguesa, também associada ao estilo de planejamento e traçado urbano espanhol. O complexo urbano também é perfeitamente integrado com o entorno, na junção dos dois rios (WORLD HERITAGE LIST - ICOMOS, 1996, nº 821, tradução nossa).

4. ESTUDO DE CASO: RUA DA ESTRELA E RUA PORTUGAL

4.1 Apresentando a Rua da Estrela

Situa-se paralela a 28 de julho (Rua do Giz) e tem início na Avenida Maranhense (atual Avenida Dom Pedro II), passa por trás do Convento das Mercês para acabar, torcendo-se à direita, no anel viário. A Rua da Estrela desce em acentuado declive até a praça do comércio, onde começa a subir até a rua da direita (Henriques Leal) e recomeça a descer até atingir o fim na Avenida Beira Mar (Senador Vitorino freire). (LIMA C., 2002).

Figura 19 - Mapa de Localização da Rua da Estrela



Fonte: Acervo Pessoal, elaborada com ferramenta MyMaps (Google Inc.)

É uma das mais antigas ruas da cidade, surgindo logo após a fundação de São Luís. Seu traçado pode ser observado no mapa de 1647 citado anteriormente. Por estar próxima a Alfândega, Tesouro Público Estadual e ao Porto no qual os barcos atracavam, a rua se transformou em um local de distribuição e venda de mercadorias, concentrando as atividades financeiras do Maranhão até aproximadamente o século XX. (OLIVEIRA, 2010).

Nesta rua predominavam os sobrados, revestidos de azulejos portugueses, nos quais se situavam firmas importantes, e estabelecimentos comerciais. Ela concentrava o que VIEIRA (1971) denomina de “comércio inglês” disputando o mercado com a Rua Portugal e o restante da Praia Grande. Essas

famílias eram: os Gunston, os Youle, os Moon, os Wilsom, os Season, os Turner, os Bingham, os Haddon Clark, etc.

O nome da “Estrela” posteriormente foi alterado para a designação oficial de Rua Cândido Mendes, num tributo à memória do grande jurista e historiador maranhense. Cândido Mendes de Almeida (1818-1881) era formado em direito pela Faculdade de Olinda e exerceu os cargos de promotor público da capital e o de professor de geografia e história do antigo Liceu Maranhense. Foi senador, escreveu as obras “Comentários ao Código Filipino”, “Memórias para o extinto Estado do Maranhão” e elaborou o primeiro atlas do Império. (VIEIRA, 1971).

Figura 20 - Rua da estrela em 1908, foto de Gaudêncio Cunha



Fonte: São Luís 1908*2008 a cidade no tempo

Segundo VIEIRA (1971), as descrições mais antigas desta rua, das suas características e do seu entorno podem ser encontradas na obra “O Mulato” (1881) de Aluísio de Azevedo como também uma breve descrição “O meu primeiro romance” de Graça Aranha, que nasceu nesta rua.

Em “O Mulato”, é feita uma descrição detalhada do sobrado localizado na Rua da Estrela, no qual o personagem principal, Manuel Pescada, residia. Onde tinha sua loja de secos e molhados, num sobrado com vista para o rio Bacanga, cuja varanda ampla, acolhedora, alegre, clara, refrescada pela brisa que vinha do rio,

Era uma rua importante para a cidade, caracterizada pelo comércio variado, desde alimentos até tecidos, ferragens e outros. Havia tabernas, farmácias, loja de joias, conserto de relógio, padaria, fábrica de cigarros, boticas, livrarias e drogarias. Os passos largos e rápidos marcavam o ritmo dessa rua voltada para o comércio. De um lado para o outro, pedestres seguem para o trabalho, fazem filas nas repartições, nas lojas, movimentando-se freneticamente pela rua de calçamento colonial. De um lado para o outro, pedestres seguem para o trabalho, fazem filas nas repartições, nas lojas, movimentando-se freneticamente pela rua de calçamento colonial. (OLIVEIRA, 2010).

A Câmara em 1906 mudou o Nome da Rua do Trapiche para Rua Portugal, em comemoração à visita da corveta “A Pátria” da Real Marinha Portuguesa e aos comerciantes lusos ali estabelecidos. Tempos depois, [...] voltou a chamar-se Rua do Trapiche. (LIMA, 2002) Quando o nome foi alterado, um cronista de São Luís afirmou que foi bem aceito e que o nome moderno “caiu bem”. O viajante paulista Ademar Chaves escreveu acerca, em uma crônica na imprensa de São Paulo, na qual fala que:

A Rua Portugal, na Zona Portuária antiga, é uma rua que corresponde inteiramente ao nome, por ser um verdadeiro decalque lusitano, sobradões com azulejos brancos e azuis de baixo até em cima”. (VIEIRA 1971 apud SÃO LUÍS, LENDAS E TURISMO ENTRE AZULEJOS)

Figura 22 - Rua Portugal 1908 por Gaudêncio Cunha



Fonte: São Luís 1908*2008 a cidade no tempo

Conforme já citado, era uma rua de caráter comercial, com variados tipos de estabelecimentos. Além destes também se concentravam grandes firmas de vendas de atacado e varejo. Como Lajes e Cia, Cunha Santos e Cia, Martins, irmãos e Cia. Contava com algumas firmas inglesas como a Heskethe, Wilson e Cia, James Johnstone, entre outras. (OLIVEIRA, 2010). A rua constitui o maior conjunto de fachadas azulejadas de São Luís. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

O calçamento desta rua foi feito no século XIX, na administração do presidente Joaquim Vieira da Silva e Sousa, e foi feito com as pedras provenientes do desmonte do rochedo Piranhenga, à margem direita do Bacanga, que obstruía a navegação nesse rio. Trinta e três “barcadas” de pedras foram transportadas então, e a execução do desmonte e a obra foram dirigidas pelo engenheiro José Joaquim Lopes. (VIEIRA, 1971) O historiador César Marques relata que:

[...] há bem pouco tempo um imundo lamaçal, e hoje é uma bela e espaçosa rua, perfeitamente calçada, com um excelente cais de desembarque tudo feito com muita economia. (VIEIRA 1971 apud Dicionário Histórico, p. 478).

Assim como a Rua da Estrela, na Rua Portugal predominavam os sobrados, e esta possuía um grande movimento de transeuntes, com a movimentação das mercadorias, também com a circulação de carroças que posteriormente seriam substituídas por carros e caminhões. (LIMA C., 2002).

4.3 Breve contexto histórico

No início do século XIX, São Luís conta com um sistema de iluminação pública, com lampiões e óleo combustível. Foi contratada uma Companhia de Iluminação a Gás do Maranhão que instalou novo sistema e passou a utilizar o gás hidrogênio por tubulação subterrânea toda em cobre.

No final do século, a cidade recebe um sistema de telefonia e é feita a instalação de um cabo telegráfico submarino, operado pela empresa inglesa Western, ligando São Luís à Inglaterra. Em 1868, a cidade recebe um sistema de transportes urbanos de bondes movidos por tração animal. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 23 - Maia & Sobrinhos e Cia, uma das primeiras e mais importantes casas comerciais do Maranhão, Rua da Estrela séc. XIX



Fonte: Maranhão Ilustrado (1899)

Figura 24 - Praça do Comércio, Rua da Estrela 1899



Fonte: Maranhão Ilustrado (1899)

Durante o século XX, a tentativa de substituir a o modelo agrícola do século XIX por um industrial fracassou em pouco tempo, devido a uma série de

fatores como a ação do mercado internacional, a concorrência das indústrias inglesas, potência que dominava o setor de produção.

Enquanto a principal força motriz era a mão de obra escrava e o preço das mercadorias no mercado internacional era bom, este tipo de economia funcionou muito bem. Logo, quando esses elementos saem do cenário, no final do século XIX, o estado do Maranhão se encontra em um período de depressão econômica.

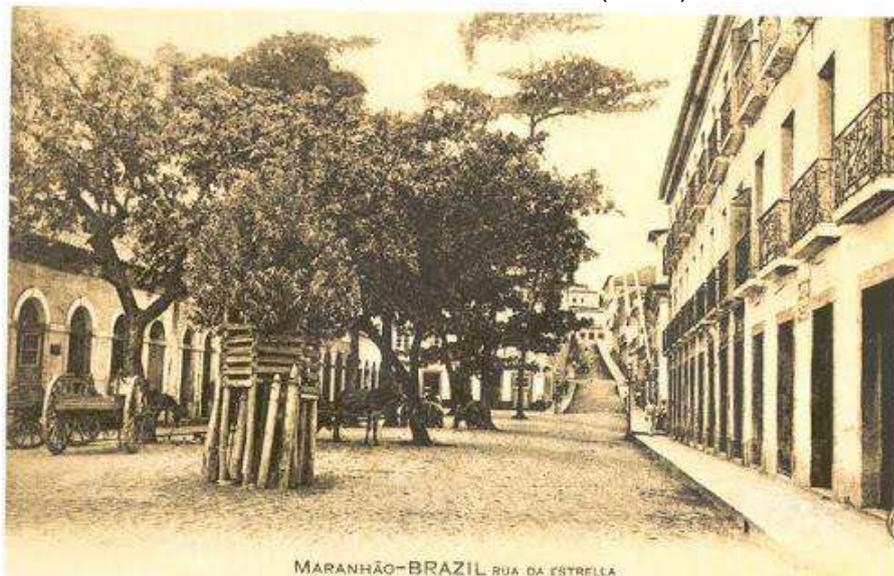
Logo no início dos anos 20, a expansão das atividades e funções antes conhecidas, começa a reduzir. O núcleo urbano da cidade correspondia ao que hoje se denomina Centro Histórico, com aproximadamente 270 hectares de área e cerca de 5.500 edificações. Isolado dos grandes centros políticos e econômicos do país, a cidade assiste ao abandono lento e gradual do seu antigo núcleo urbano, com a consolidação dos novos meios de transportes que inverteram o sentido do acesso à cidade, que já não mais dependia do centro. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

4.4 Registros fotográficos do século XX

No final do século XIX foi impresso o primeiro Álbum iconográfico de São Luís, O Maranhão Ilustrado, impresso pela Tipografia Teixeira em 1899, contendo 27 fotografias e textos relacionados a estas. Posteriormente no início do século XX, em meados de 1904, foi impresso, pelo mesmo grupo, o Álbum do Maranhão, que continha 24 fotos, apenas legendadas em que todas foram manualmente coloridas. (MORAES, 2012). Posteriormente, foram produzidos o Álbum do Maranhão de 1923 e o Álbum de 1950, conforme citado anteriormente.

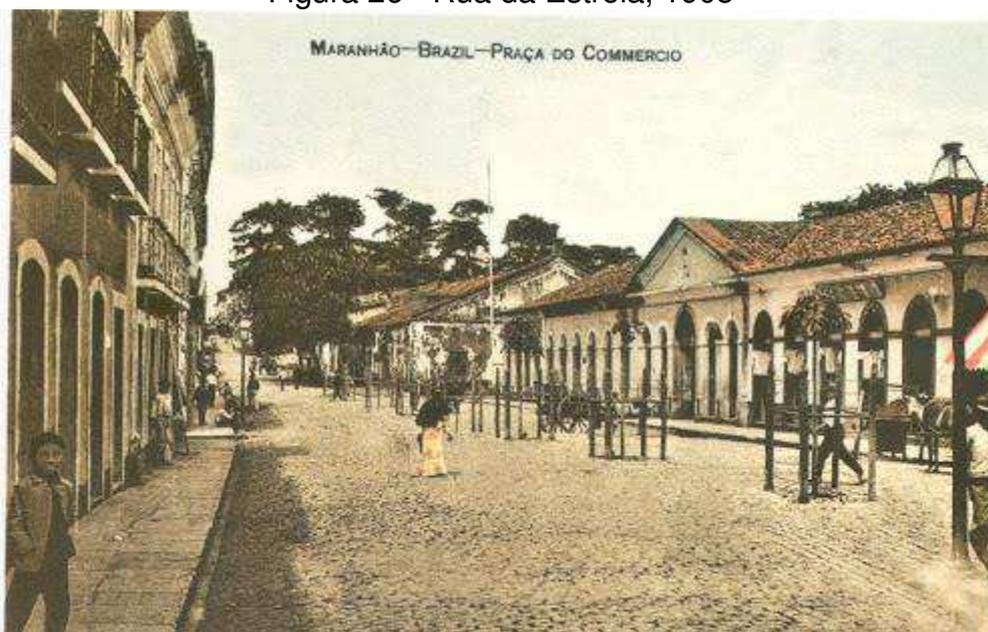
Já os cartões postais, que circulavam de maneira acentuada nesta época, contavam com várias vistas da cidade, e por nem sempre serem impressos aqui, circularam o mundo. (MORAES, 2012). Estas e outras fontes foram utilizadas para elaborar o segmento a seguir, com o auxílio do Guia de Arquitetura e Paisagem (2008) e a ferramenta Google Maps (Google Inc.).

Figura 25 - Um dos primeiros cartões postais emitidos no Maranhão, Praça do Comércio, Rua da Estrela (1905)



Fonte: Pinterest

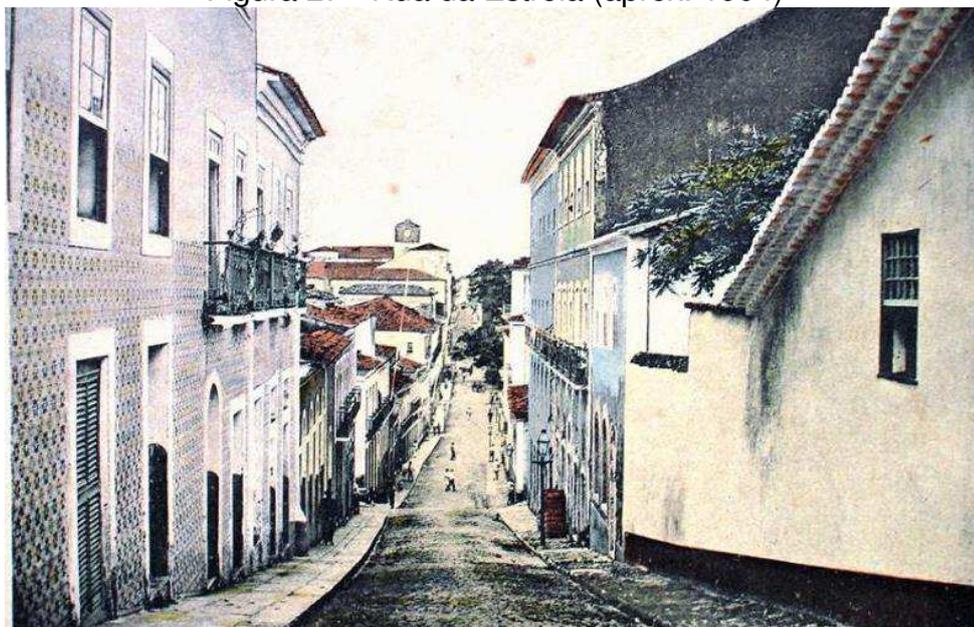
Figura 26 - Rua da Estrela, 1905



Fonte: Pinterest

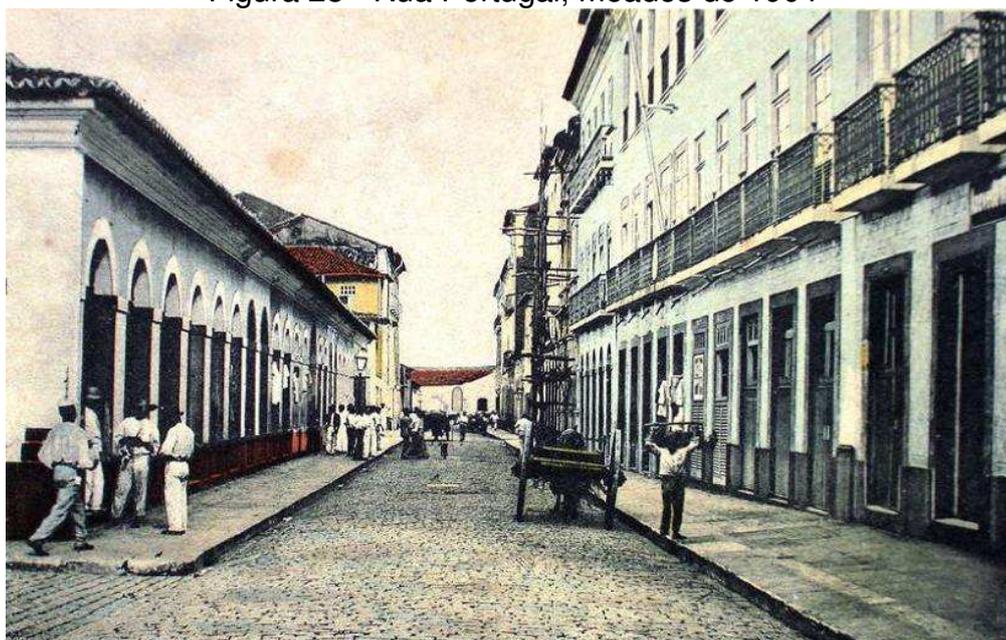
As ruas também foram registradas no Álbum do Maranhão (colorido), e através desta publicação são valorizados o aspecto e os detalhes das edificações, como os azulejos e sua tipologia arquitetônica portuguesa, em especial na Rua Portugal (figura 30) onde é possível observar as proporções e repetição dos vãos e elementos como as pedras e gradis, citados anteriormente.

Figura 27 - Rua da Estrela (aprox. 1904)



Fonte: Album do Maranhão (Colorido)

Figura 28 - Rua Portugal, meados de 1904



Fonte: Album do Maranhão (Colorido)

Nos cartões postais de 1906, 1908 e 1916 são confirmadas as descrições de Domingos Vieira Filho acerca da movimentação comercial da Rua Portugal, filas se formam nas portas dos armazéns e lojas e as ruas são tomadas por mercadorias, carroças e trabalhadores. Como também das firmas importantes da Rua da Estrela.

Figura 29 - Filas de escravos nos armazéns de secos e molhados (1908)



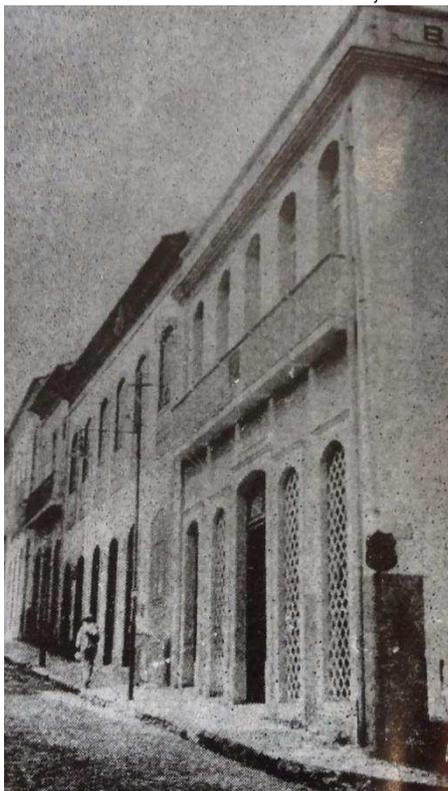
Fonte: Passado e Modernidade no Maranhão pelas Lentes de Gaudêncio Cunha

Figura 30 - Rua ocupada por pedestres, trabalhadores e carroças e sacos de algodão e babaçu, principais cultivos maranhenses da época, cartão postado em 1916



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 31 - Agência Bancária London Bank, Rua da Estrela (1906)



Fonte: São Luís Memória e Tempo

4.4.1 Década de 20

Através do processo de expansão urbana, com construção de estradas ligando diferentes partes da ilha, pressões legislativas e sanitaristas acerca da parte da população que habitava os “baixos dos sobrados”, começam a surgir novos bairros na cidade. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 32 - Linhas do Bonde na Rua do Trapiche



Fonte: São Luís Memória e tempo

4.4.2 Década de 30

Neste período é aprovada a Lei orgânica dos Municípios (1927), então são feitas remodelações em prédios públicos e outros melhoramentos urbanos, para que a cidade pudesse se adequar as novas tecnologias de transporte, de energia elétrica e de construção.

Até 1930, foram reformados os principais edifícios públicos de São Luís como: a Prefeitura, a Câmara Municipal, o palácio do Governo do Estado, o quartel da força pública, o Tribunal de Justiça e o prédio do Tesouro e Recebedoria do Estado. O núcleo primitivo da cidade, com seu porto comercial, já não é um lugar “saudável” para as famílias abastadas, que se transferem com a substituição de antigos casarões por novos edifícios: os bangalôs, as quintas e chácaras, residências que cumpriam as exigências da legislação sanitaria em vigor. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 33 - Cartão fotográfico emitido por foto nômade, Rua da Estrela (1930)



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 34 – Cerimônia Religiosa na Rua da Estrela, cartão postado em 1934



Fonte: São Luís Memória e Tempo

4.4.3 Década de 40

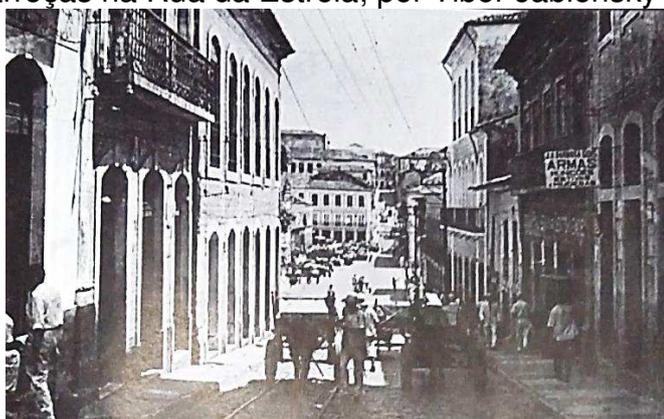
Através do governo do presidente Getúlio Vargas, o sistema nacional de distribuição de mercadorias é reorganizado, agora, partindo dos centros industriais do sudeste do Brasil. Com esta mudança no cenário nacional, o Maranhão enfrenta um período de estagnação econômica e São Luís perde a sua forte relevância comercial na região e adquire um caráter mais administrativo. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

4.4.4 Década de 50

A partir de 1958, intensifica-se o processo de declínio da Praia Grande, quando São Luís liga-se a Teresina, às regiões periféricas do Rio Mearim, Pindaré e Itapecurú por rodovia. As grandes firmas de comércio por atacado foram desaparecendo. O comércio varejista foi se direcionando no sentido da Rua Grande, a Rua Oswaldo Cruz, com lojas de calçados, tecido, miudezas, etc. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008)

Em 1956 Juscelino Kubitschek assume a presidência do Brasil e em seu “Plano de Metas”, investe diretamente no setor de transporte e na indústria automobilística. Expandia-se a industrialização e foi reativada a Fábrica Nacional de Motores, incentivando à fabricação de caminhões e tratores. (NASCIMENTO, 2016). Uma das principais mudanças observadas nas fotografias é a substituição das carroças por carros, a aparição de caminhões e a forma como os automóveis “tomaram” as ruas da Estrela e Portugal.

Figura 35 - Carroças na Rua da Estrela, por Tibor Jablonsky (década de 50)



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 36 - Rua da Estrela final da década de 50



Fonte: Minha Velha São Luís

Figura 37 – Caminhão e carros na Rua Portugal



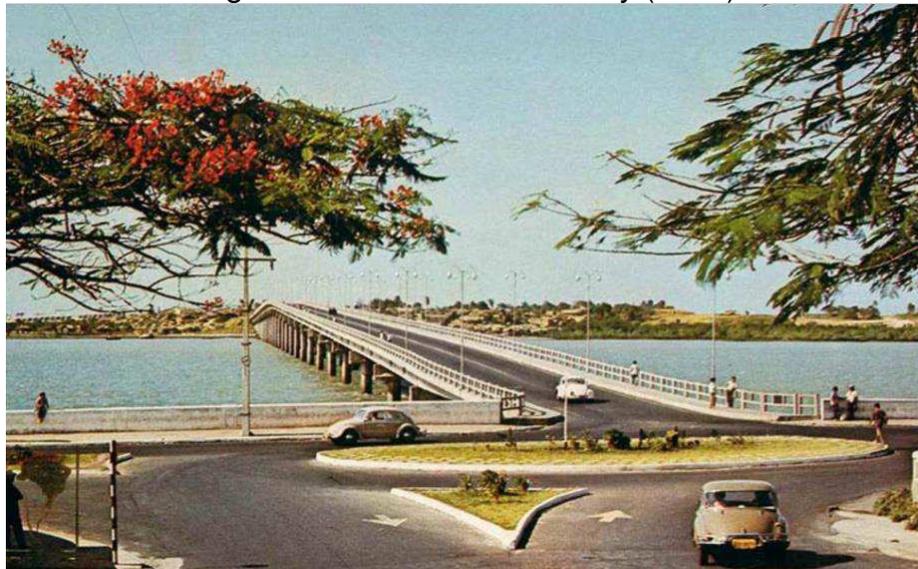
Fonte: São Luís Memória e Tempo

4.4.5 Década de 60

No final dos anos 1960, é implementado um sistema viário urbano, possibilitando o crescimento e expansão da cidade para outros eixos, como o sudoeste e o norte. Destaca-se a construção da Barragem do Bacanga (1970), ligando a área do centro e Porto do Itaqui, Ponte Governador José Sarney (1971).

O porto da Praia Grande, que foi a porta de entrada durante os períodos colonial e imperial, passa a ser a retaguarda da cidade com o acesso principal sendo feito através dos meios ferroviário e rodoviário, implantados em locais afastados do centro histórico, retirando daí a exclusividade do movimento comercial da capital maranhense. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008, p. 129).

Figura 38 - Ponte José Sarney (1971)



Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

4.4.6 Década de 70

Neste período o conjunto arquitetônico do Centro Histórico se encontra ameaçado pelo arruinamento, uma das consequências da crise econômica recessão econômica que ocorrida no meio norte do país.

Em 1971, é publicado o livro “Breve História das Ruas e Praças de São Luís” de Domingos Vieira Filho, no qual o autor descreve o ar de decadência da Rua Portugal e do bairro da Praia Grande:

[...] típica do comércio de estivas e ferragens, nela se concentravam as firmas portuguesas mais fortes da época. Hoje sopra sobre a rua Portugal, que integra o complexo (pag 156) Chamado Praia Grande, um ar de decadência que nos entristece. Poderosas firmas outrora foram aos poucos liquidando seus negócios e se tirando discretamente da cena comercial... Aquele clima de agitação febril, de azáfama que Aluísio Azevedo capitou nas páginas deliciosas de “O Mulato”, cedeu lugar, na Praia Grande, ao marasmo, á tranquilidade das coisas que envelhecem e se finam sem glória... (VIEIRA, 1971, p.).

Figura 39 - Algumas lojas tradicionais ainda se mantêm , cartão postal de 1970



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 40 - Condição dos sobrados da Rua Portugal em meados de 1970



Fonte: São Luís Memória e Tempo

4.4.7 Década de 80

Em 1979, através do Governo do Maranhão , juntamente com o IPHAN e a prefeitura, iniciou-se um Programa de Preservação e Revitalização para promover a reabilitação da área mais prejudicada pela decadência e arruinamento do Centro. Foram realizadas várias etapas como estudos, pesquisas, projetos e várias intervenções para que a infraestrutura fosse recuperada e para substituição dos postes e da fiação aparente por uma subterrânea e um sistema de lâmpões. (ANDRÈS, 2014).

Esta ação também envolveu intervenções nos sistemas de água, esgoto e drenagem como também a reconstituição dos pavimentos originais das ruas e calçadas. Vários sobrados arruinados que possuíam uma localização privilegiada foram restaurados e adaptados para novos usos, mais contemporâneos. Foram instaladas escolas profissionalizantes, de centros culturais como museus, teatros, de núcleos de cultura popular e de criatividade dentre outros. (ANDRÈS, 2014).

Projetos de Habitação no Centro Histórico foram realizados com a restauração e adaptação de cinco grandes sobrados com 35 apartamentos e 15 lojas nos pavimentos térreos, para consolidar a alternativa do uso misto residencial/comercial, como fator preponderante na reabilitação da área, pelo seu potencial de associar os interesses da preservação arquitetônica com os de natureza social e econômica.

Foram feitas ações nos campos de segurança pública , sinalização de trânsito e também grande parte do bairro da Praia Grande se tornou exclusiva para pedestres, seguindo uma tendência mundial em centros históricos. Esta pedestrianização de ruas, impactou diretamente na Rua da Estrela e na Rua Portugal como pode ser visto nas figuras a seguir. (ANDRÈS, 2014).

Figura 41 - Rua da Estrela antes da revitalização



Fonte: A Fundação de São Luís

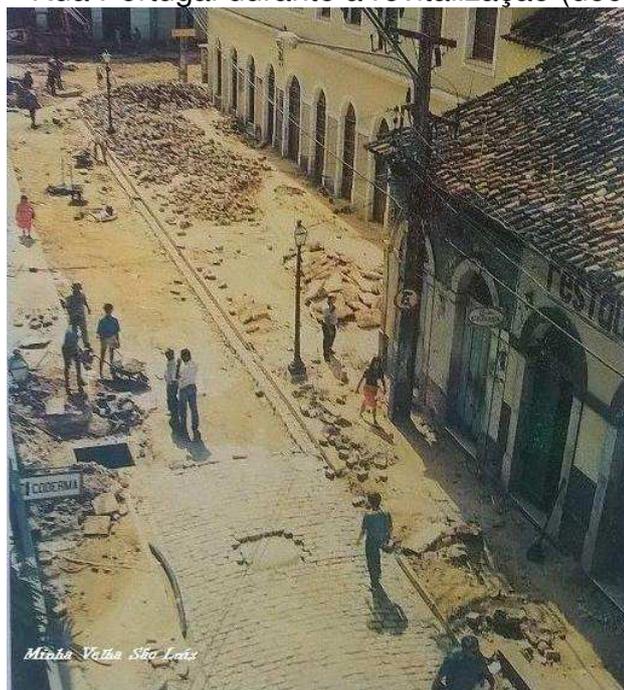
Figura 42 - Rua Portugal antes da revitalização



Fonte: São Luís Memória e tempo

Com isso, a área da Praia frande passou a ser mais visitada por turistas, frequentada pela população, e segundo ANDRÉS (2014), a classe estudantil tem importante participação utilizando esses espaços e auxiliando na defesa do patrimônio cultural. Registros fotográficos da década de 80 mostram o resultado desta revitalização nas ruas estudadas, com destaque para as edificações, instalações subterrâneas e retirada da circulação de carros, que trouxe amplitude para as ruas e destaque para a arquitetura do século XVII.

Figura 43 - Rua Portugal durante a revitalização (década de 80)



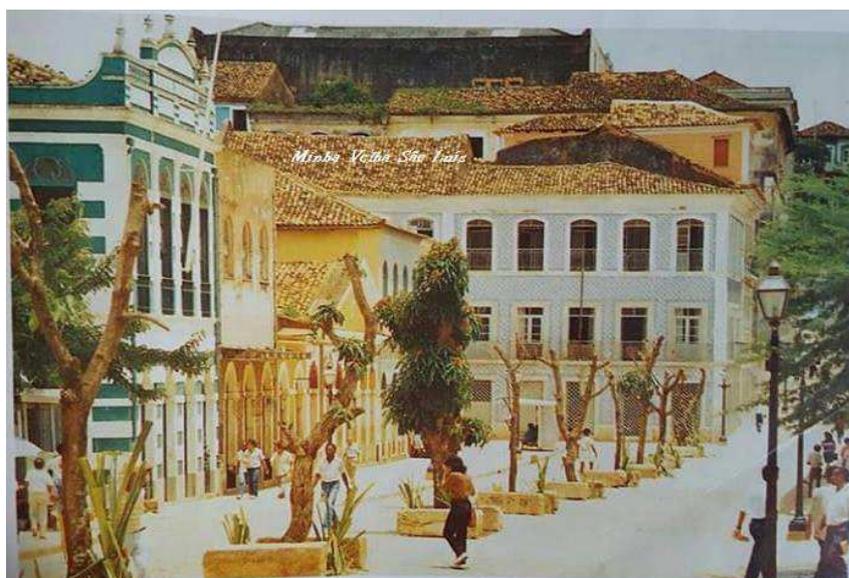
Fonte: Minha velha São Luís via

Figura 44 - Rua Portugal Após revitalização (década de 80)



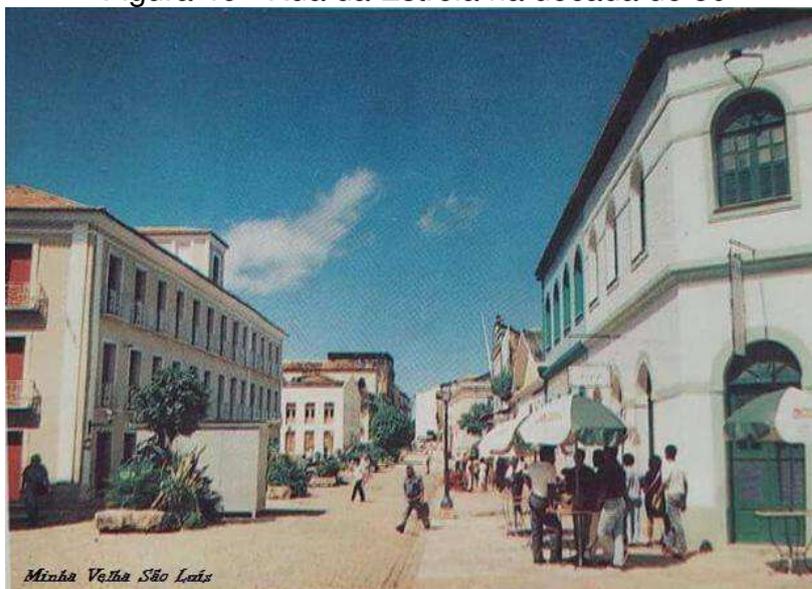
Fonte: Minha velha São Luís via

Figura 45 - Rua da Estrela após a revitalização, Cartão fotográfico emitido pelo governo do Estado (década de 80)



Fonte: Minha velha São Luís

Figura 46 - Rua da Estrela na década de 80



Fonte: Minha velha São Luís

4.5 Cenário atual: novos usos

Conforme citado anteriormente, várias edificações receberam novos usos, abrigando instituições, museus, e órgãos públicos, restaurantes, residências, entre outros. Para elaboração deste segmento, foram cruzados dados dos registros (álbuns, cartões postais, fotografias) com as informações do Guia de Arquitetura e Paisagem juntamente com a ferramenta Google Maps.

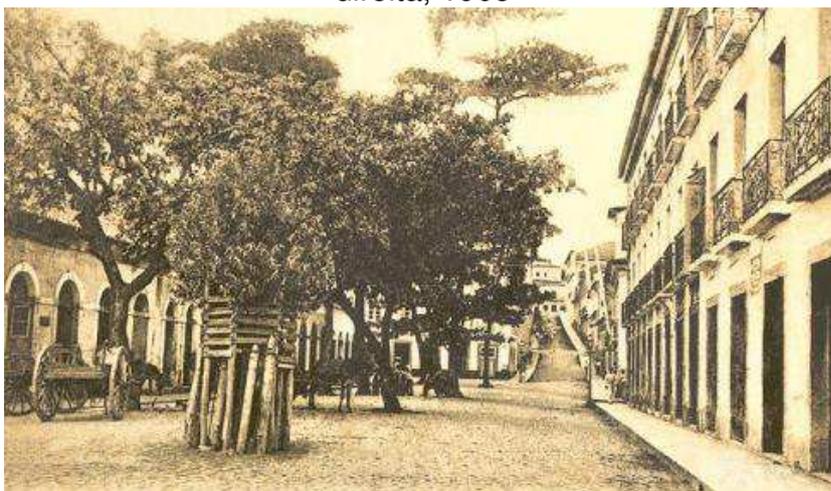
Figura 47 - Vista da Rua da Estrela. Fotografia de Lucas Nogueira



Fonte: Acervo Pessoal

No sobrado do Largo do comércio, nº 201, na Rua da Estrela encontrava-se em processo de arruinamento, foi reformado na década de 80 e atualmente funciona como Defensoria pública do Estado. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 48 - Vista do da Rua da Estrela, com Sobrado do Largo do Comércio à direita, 1905



Fonte: Pinterest

Figura 49 - Sobrado do Largo do Comércio, atual Defensoria Pública do Estado, 2018



Fonte: Google via ferramenta Google Maps

Segundo o GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM (2008), o atual Teatro João do Vale, de nº 283 na Rua da Estrela, funcionava como um depósito de açúcar no Largo do Comércio. Foi construído na década de 50 e recebeu as reformas na década de 80. Foi adaptado para ser um teatro, de nome João do Vale inaugurado

em 2001. Também faz parte do Centro de Artes Cênicas do Maranhão (CACEM), funcionando também como um laboratório cênico.

Figura 50 - Casas onde atualmente se encontra o Teatro, cartão postado em 1904, foto de Gaudêncio Cunha



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 51 - Teatro João do Vale (à esquerda), 2018



Fonte: Google via ferramenta Google Maps

O atual prédio do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, situado na Rua da Estrela, nº 472, antigamente era a sede da Ullen Company, uma empresa internacional que foi contratada pelo Governo do Estado na década de 20 para a implantação dos bondes elétricos. Posteriormente funcionou como Companhia Energética do Maranhão (CEMAR) e em 2001 passou a ser o curso, que saiu do Campus Paulo VI-UEMA. Suas esquadrias são

emolduradas por pedra de cantaria ou argamaça e seus balcões possuem gradis de ferro com acabamento em madeira. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 52 - 472, Rua da Estrela em 1908



Fonte: São Luís 1908*2008 a cidade no tempo

Figura 53 - Atual Curso de Arquitetura e Urbanismo (2018)



Fonte: Google via ferramenta Google Maps

O solar dos Vasconcelos, de nº 562 situado na Rua da Estrela, construído no século XIX, foi restaurado a partir de 1997 e atualmente é o Departamento de

Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico (DPHAP). (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 54 - Solar dos Vasconcelos, 1986



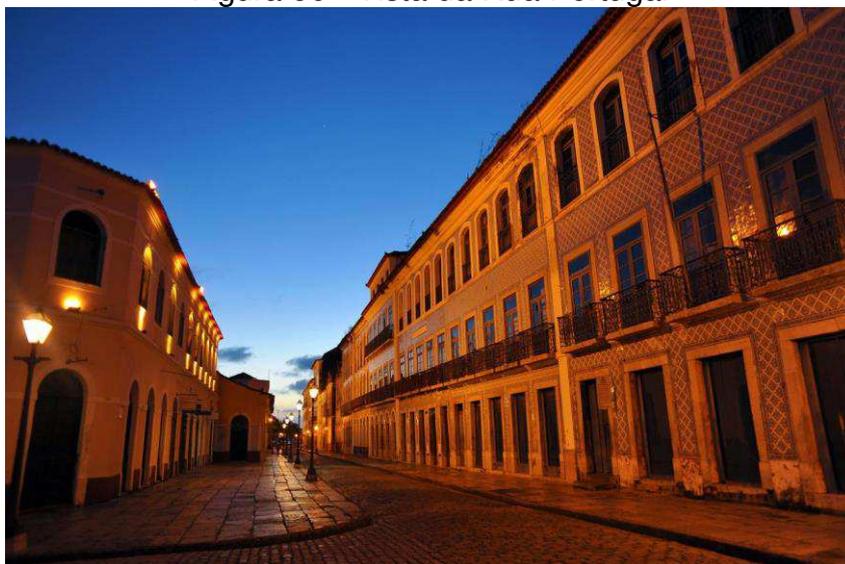
Fonte: São Luís Memória e tempo

Figura 55 - Figura- Solar dos Vasconcelos, (ca. 2008)



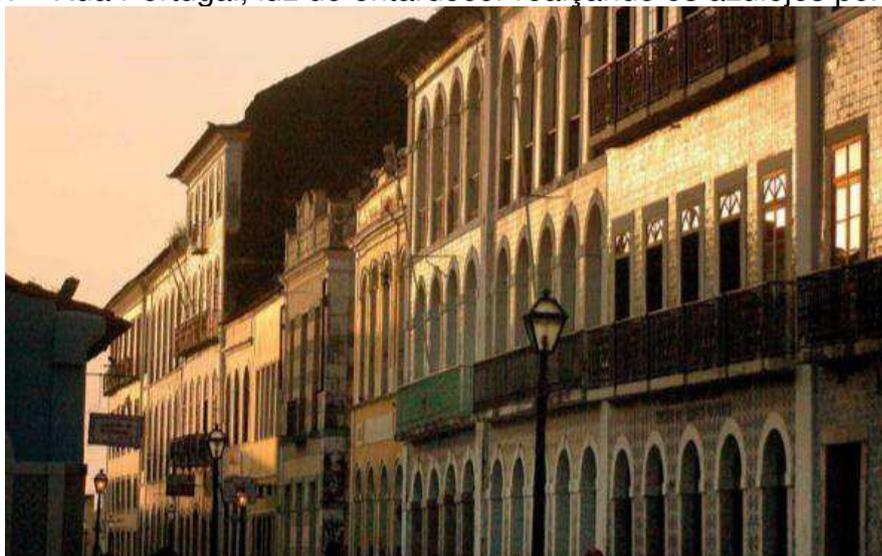
Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

Figura 56 - Vista da Rua Portugal



Fonte: <http://www.agenciasaoluis.com.br/>

Figura 57 - Rua Portugal, luz do entardecer realçando os azulejos portugueses



Fonte: Guia de Arquitetura e paisagem

A atual Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Maranhão, nº 303, na Rua Portugal, data de 1815, possui três pavimentos e uma fachada revestida com azulejos portugueses. Seus vão são simétricos e suas molduras de argamassa. A edificação foi construída no século XIX, onde foi fundada a empre Azevedo & Almeida, nos pavimentos superiores eram hospedados fregueses vindos de outras partes do estado, caixeiros viajantes e era onde o proprietário, Sr. Joaquim de Almeida, comerciava especializado em açúcar. Outras empresas já funcionaram neste edifício como, por exemplo a Lages & Cia. Na segunda metade da década de

70, passa a funcionar como Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, posteriormente sendo ligada ao edifício de nº 297. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 58 - Silva Maia & Cia LTDA. E Lages e Companhia, década de 70



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 59 - Secretaria de Cultura do Estado, 2018



Fonte: Google via ferramenta Google Maps

O atual Centro de Capacitação Tecnológica do Maranhão (CECETMA), nº 199, na Rua Portugal, data de 1829, possui quatro pavimentos, e foi o primeiro prédio com elevador em São Luís. É revestido por azulejos portugueses e possui quatro óculos no pavimento térreo e molduras em pedra de cantaria. Começou a ser

reformado em 1978 e em 2002 o Centro de Capacitação foi inaugurado. (GUIA DE ARQUITETURA E PAISAGEM, 2008).

Figura 60 – Armazém Cunha & Santos



Fonte: São Luís Memória e Tempo

Figura 61 - Centro de Capacitação Tecnológica do Maranhão (CECETMA)



Fonte: Guia de Arquitetura e Paisagem

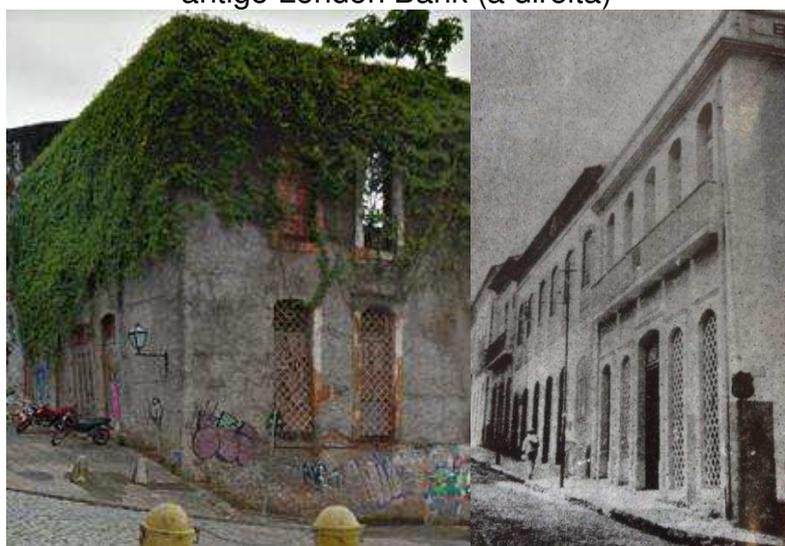
Alguns locais mantiveram suas funções. Como é o exemplo da Feira da Praia Grande, situada nas ruas Ruas Djalma Dutra, da Estrela, Portugal e Travessa Marcelino Almeida. Se trata de um conjunto de edificações construídas a partir de 1855 após a demolição da antiga casa das Tulhas. Em 1982 foi reinaugurada após uma intervenção, melhorando a salubridade e funcionamento. Esta feira conta com produtos regionais tipicamente maranhenses, restaurantes e bares.

Figura 62 - Montagem mostrando a Feira da praia grande (à esquerda) e atual (à direita)



Fontes: Pinterest; Guia de Arquitetura e Paisagem

Figura 63 – Montagem mostrando supostas ruínas do London Bank (à esquerda)¹ e antigo London Bank (à direita)²



Fonte¹: Google via ferramenta Google Maps Fonte²: São Luís Memória e Tempo

Outros permanecem apenas na memória e nos registros fotográficos (figura 63), mas as ruas da Estrela e Portugal permanecem, fazendo parte do cotidiano de moradores, estudantes, trabalhadores e transeuntes, como história e cultura vivas da cidade de São Luís.

Figura 64 – Montagem mostrando a Rua da Estrela (esquerda) e a Rua Portugal (direita)



Fonte¹: <http://www.saoluis360.com.br/rua-da-estrela-2> Fonte²: <http://www.museuafro.ufma.br/>

Figura 65 - Encontro da Rua da Estrela (ao fundo) com a Rua Portugal. Fotografia de Luísa Henriques



Fonte: Acervo Pessoal

5. CONCLUSÃO

Através deste trabalho pôde-se perceber a importância dos registros fotográficos urbanos e sua capacidade de documentar e capturar aspectos e elementos que se modificam constantemente e até mesmo aqueles que foram perdidos ao longo do tempo. Comprovando que a identidade que atribuímos ao espaço não vem apenas de nosso conhecimento físico, mas também de nossos repertórios visuais anteriores. Constatar na prática o que POSSAMAI (2008) afirma sobre a fotografia e a escrita formando memórias e o que AZEVEDO (2015) apud CANEVACCI (1990) destaca ao falar que compreender uma cidade é semelhante à colher fragmentos e lançar pontes para que se possa encontrar seus significados.

Foi aprofundando o conhecimento a respeito da chegada da fotografia no Brasil, logo após a invenção e da influência estrangeira, assim como no Maranhão. Como também acerca dos álbuns e produções fotográficas nacionais e locais e seu uso como ferramenta auxiliar ao estudo da arquitetura e urbanismo, em especial, às transformações urbanas.

Através da análise das pesquisas e registros foi possível verificar como o contexto socioeconômico e os interesses internacionais, nacionais e regionais podem afetar drasticamente a dinâmica, o uso e as características de uma rua. Como, por exemplo, com a tentativa fracassada de substituir a o modelo agrícola do século XIX por um industrial (que não podia competir com as indústrias inglesas), mergulhando o estado em uma crise econômica.

Ruas que possuíam uma localização privilegiada, próximas ao porto de entrada da cidade, marcadas pela intensa movimentação de pessoas e mercadorias, perdem suas principais firmas, lojas e seus “ilustres” moradores, que se mudam para bairros localizados nos novos eixos de expansão. O imponente conjunto arquitetônico, da era Pombalina se deteriora em razão do abandono e alguns exemplares beiram o arruinamento. Diante desse cenário, é feita uma revitalização e muitos destes prédios recebem novos usos, mudando a característica destas ruas, além de residências, passam a abrigar instituições, museus, acervos públicos, dentre outros. O espaço ocupado por carros passa a ser espaço de circulação de pedestres, moradores, estudantes, vendedores ambulantes. Estas ruas mudam e passam a ser não mais espaços majoritariamente comerciais e residências de pessoas abastadas, mas espaços frequentados por todos.

Talvez para aqueles que as olhem de fora, que não as frequentam no seu cotidiano, possam parecer locais obsoletos, apenas sombras do que um dia já foram. Entretanto, para aqueles que habitam, estudam, trabalham, ou tem a oportunidade de conhecê-las melhor, são espaços que se adaptam, nos quais se pode caminhar e observar a arquitetura, conviver com pessoas diferentes. São ruas que fazem parte e representam a cultura ludoviscence, são palcos de importantes memórias.

Em conclusão, foi possível compreender melhor a história da Rua da Estrela e Portugal, entender processos que levaram à sua configuração atual, adquirindo uma nova perspectiva sobre esses lugares, e da sua relevância não somente para história e memória pessoal, mas como para a história da cidade de São Luís, muitas vezes refletida nesses espaços. Como ruas que já viram o auge da era comercial dos séculos XVII e XIX, atualmente se adaptam, e se renovam para sobreviver na cidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Vera. **Imagens produzidas pelo fotógrafo Tibor Jablonsky: suportes materiais na construção da memória do trabalho no Brasil (1950-1968)**. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Vera%20Lucia%20Cortes%20Abrantes.pdf/>> Acesso em: 03 de setembro de 2018

ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. **A fundação de São Luís do Maranhão**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 02 de outubro de 2018

AZEVEDO, Aluísio de. **O Mulato**. F. Briguet:1881. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018

AZEVEDO, Jussara Moreira de. **O ENQUADRAMENTO: um olhar sobre a cidade, a fotografia e sua história**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/31IMJussara_Moreira_deAzevedo.pdf/> Acesso em: 03 de setembro de 2018

BRASILIANA FOTOGRAFICA. **Avenida Central, atual Rio Branco**. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=5880>> Acesso em 8 de novembro de 2018

BRASILIANA FOTOGRAFICA. **Dom Pedro II (RJ, 2/12/1825 – Paris, 5/12/1891), um entusiasta da fotografia**. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=7183>> Acesso em 8 de novembro de 2018

CASTRO, Sílvio e FAGUNDES, Esnel. **FOTOGRAFIA E IMPRENSA NO MARANHÃO: O INÍCIO**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 02 de outubro de 2018

FIGUEIREDO, Margareth. **Influência pombalina na morfologia urbana de São Luís do Maranhão**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 02 de outubro de 2018

FREITAS, Eduardo de. **Primeira Revolução Industrial**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primeira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em 18 de setembro de 2018.

ICOMOS. **WORLD HERITAGE LIST, São Luís do Maranhão (Brazil) nº 821, 1996**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>> Acesso em: 03 de outubro de 2018

IPHAN. UNESCO. **Proposta de Inclusão do Centro Histórico de São Luís na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, 1997**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>> Acesso em: 03 de outubro de 2018

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Carlos. **Caminhos de São Luís (ruas, logradouros e prédios históricos)**. Ed. Sciliano, 2002.

LIMA, Marcos. **A CIDADE NO TEMPO: Uma Breve História dos Logradouros de São Luís**. Disponível em: <https://www.academia.edu/4987612/A_Cidade_no_Tempo_Uma_Breve_Hist%C3%B3ria_dos_Logradouros_de_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs/> Acesso em: 03 de setembro de 2018

MARTINS, José Reinaldo Castro. **Passado e modernidade no Maranhão pelas lentes de Gaudêncio Cunha**. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-05072009-235631/pt-br.php>> Acesso em: 04 de dezembro de 2018

MAYA, Eduardo. **Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 02 de outubro de 2018

MEIRELES, Mário. **História de São Luís**. São Luís: Faculdade Santa Fé, 2012.
POSSAMAI, Zita. **Fotografia e cidade**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 03 de setembro de 2018

MORAES, Jomar. **São Luís e sua iconografia**. Disponível em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/blog/sao-luis-por-sua-iconografia/>> Acesso em: 07 de dezembro de 2018

NASCIMENTO, Marcio Silveira. **IMPLANTAÇÃO E EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA NO BRASIL**. Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína, Ano 05, n.07, Janeiro-Julho de 2016. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/index>> Acesso em: 07 de dezembro de 2018

OLIVEIRA, Antônio Guimarães de. **São Luís Memória e Tempo**. Novagraf: 2010.

PFLUEGER, Grete ; FURTADO, Lívia. **As imagens do moderno em São Luís pelo álbum de Miécio Jorge, de 1950**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 02 de outubro de 2018

São Luís, 1908 * 2008 - A cidade no tempo. Fotos de Albani Ramos, Gaudêncio Cunha; texto de Fortunato Zago. São Luís: Instituto da Cidade, 2008.

SÃO LUÍS Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem, Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda. Sevilla: Ed.Bilíngue, 2008

SEGALA, Lygia. **O RETRATO, A LETRA E A HISTÓRIA**: notas a partir da trajetória social e do enredo biográfico de um fotógrafo oitocentista*. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497/>> Acesso em: 02 de outubro de 2018

VIEIRA, Domingos. **Breve História das Ruas e Praças de São Luís**. Ed. Olimpia, 1971.

ACERVO DIGITAL BPBL. Disponível em: <<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018

BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE. Acervo obras raras maranhenses da Biblioteca Pública Benedito Leite. São Luís, 2018.

CAZUMBÁ DA ILHA. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Cazumb%C3%A1-da-Ilha-822648941131064/>>. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

BRASILIANA FOTOGRAFICA. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/browse?order=ASC&rpp=20&sort_by=-1&value=Azevedo%2C+Milit%C3%A3o+Augusto+de&etal=-1&offset=60&type=author> acesso em 8 de novembro de 2018

MINHA VELHA SÃO LUÍS. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/MinhaVelhaSaoLuis/?tn-str=k*F>. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2517051/Johannes-Vermeer-DID-use-mirrors-camera-obscure-paintings.html>> Acesso em 24 de setembro de 2018

Disponível em: <<http://www.niepce-daguerre.com>> Acesso em 24 de setembro de 2018

Disponível em: <<http://100photos.time.com/photos/louis-daguerre-boulevard-du-temple>> Acesso em 19 de setembro de 2018

Disponível em: <https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Nic%C3%A9phore_Ni%C3%A9pce/135269> acesso em 20 de setembro de 2018

Disponível em:<<https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/2009.279/>> Acesso em 19 de setembro de 2018

Disponível em:<<https://allthatsinteresting.com/jacob-riis-photographs-how-the-other-half-lives#11>> Acesso em 26 de setembro de 2018

Disponível em:<<https://diariodoturismo.com.br/monumento-primeira-fotografia-na-america-do-sul-sera-inaugurado-no-rio/>> Acesso em 28 de setembro de 2018

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>> Acesso em: 03 de outubro de 2018

Disponível em:<<http://www.historia-brasil.com/colonia/capitanias-hereditarias.htm>> acesso em 17 de outubro de 2018

Disponível em:<<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/194-governador-geral-do-estado-do-maranhao>> Acesso em 19 de outubro de 2018

Disponível em: <http://www.historia.uff.br/impressoesrebelde/?revoltas_categoria=1617-revolta-de-cuma> Acesso em 19 de outubro de 2018

Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/194-governador-geral-do-estado-do-maranhao>> acesso em 19 de outubro de 2018

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>> acesso em 7 de novembro de 2018

ANEXOS

ANEXO I – TRECHO DA OBRA O MULATO, DESCRIÇÃO DA PRAIA GRANDE E RUA DA ESTRELA.

A Praia Grande e a Rua da Estrela contrastavam todavia com o resto da cidade, porque era aquela hora justamente a de maior movimento comercial. Em todas as direções cruzavam-se homens esbofados e rubros; cruzavam-se os negros no carreto e os caixeiros que estavam em serviço na rua; avultavam os paletós-sacos, de brim pardo, mosqueados nas espáduas e nos sovacos por grandes manchas de suor. Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos. Na Casa da Praça, debaixo das amendoeiras, nas portadas dos armazéns, entre pilhas de caixões de cebolas e batatas portuguesas, discutiam-se o câmbio, o preço do algodão, a taxa do açúcar, a tarifa dos gêneros nacionais; volumosos comendadores resolviam negócios, faziam transações, perdiam, ganhavam, tratavam de embarrilar uns aos outros, com muita manha de gente de negócios, falando numa gíria só deles trocando chalaças pesadas, mas em plena confiança de amizade. Os leiloeiros cantavam em voz alta o preço das mercadorias, com um abrimto afetado de vogais; diziam: Mal-raís em vez de mil-réis. À porta dos leilões aglomeravam-se os que queriam comprar e os simples curiosos. Corria um quente e grosseiro zunzum de feira.

O leiloeiro tinha piscos de olhos significativos; de martelo em punho, entusiasmado, o ar trágico, mostrava com o braço erguido um cálice de cachaça, ou, comicamente acororado, esbrocava com o furador os paneiros de farinha e de milho. E, quando chegava a ocasião de ceder a fazenda, repetia o preço muitas vezes, gritando, e afinal batia o martelo com grande barulho, arrastando a voz em um tom cantado e estridente.

Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos abdomens dos capitalistas; viam-se cabeças escarlates e descabeladas, gotejando suor por debaixo do chapéu de pêlo; risinhos de proteção, bocas sem bigode dilatadas pelo calor, perninhas espertas e suadas na calça de brim de Hamburgo. E toda esta atividade, posto que um tanto fingida, era geral e comunicativa; até os ricos ociosos, que iam para ali encher o dia, e os caixeiros, que faziam cera e até os próprios vadios desempregados, aparentavam diligência e prontidão.

A varanda do sobrado de Manuel Pescada, uma varanda larga e sem forro no teto, deixando ver as ripas e os caibros que sustentavam as telhas, tinha um aspecto mais ou menos pitoresco com a sua bela vista sobre o rio Bacanga e as suas rótulas pintadas de verde-paris. Toda ela abria para o quintal, estreito e longo, onde, à mingua de sol, se mirravam duas tristes pitangueiras e passeava solenemente um pavão da terra.

As paredes, barradas de azulejos portugueses e, para o alto, cobertas de papel pintado, mostravam, nos seus desenhos repetidos de assuntos de caça, alguns lugares sem tinta, cujas manchas brancacentas traziam à idéia joelheiras de calças surradas. Ao lado, dominando a mesa de jantar, aprumava-se um velho armário de jacarandá polido, muito bem tratado, com as vidraças bem limpas, expondo as pratas e as porcelanas de gosto moderno; a um canto dormia, esquecida na sua caixa de pinho envernizado, uma máquina de costura de Wilson, das primeiras que chegaram ao Maranhão; nos intervalos das portas simetrizavam-se quatro estudos de Julien, representando em litografia as estações do ano; defronte do guarda-louça um relógio de corrente embalava melancolicamente a sua pêndula do tamanho de um prato e apontava para as duas horas. Duas horas da tarde.

Não obstante, ainda permanecia sobre a mesa a louça que servira ao almoço. Uma garrafa branca, com uns restos de vinho de Lisboa cintilava à claridade reverberante que vinha do quintal. De uma gaiola, dependurada entre as janelas desse lado, chilreava um sabiá.

Fazia preguiça estar ali. A viração do Bacanga refrescava o ar da varanda e dava ao ambiente um tom morno e aprazível. Havia a quietação dos dias inúteis, uma vontade lassa de fechar os olhos e esticar as pernas. Lá defronte, nas margens opostas do rio, a silenciosa vegetação do Anjo da Guarda estava a provocar boas sextas sobre o capim, debaixo das mangueiras; as árvores pareciam abrir de longe os braços, chamando a gente para a calma tepidez das suas sombras.

ANEXO II – LOUVAÇÃO A SÃO LUÍS, BANDEIRA TRIBUZZI

Ó minha cidade
Deixa-me viver
que eu quero aprender
tua poesia
sol e maresia
lendas e mistérios
lunar das serestas
e o azul de teus dias

Quero ouvir à noite
tambores do Congo
gemendo e cantando
dores e saudades
A evocar martírios
lágrimas, açoites
que floriram claros
sóis da liberdade

Quero ler nas ruas
fontes, cantarias
torres e mirantes
igrejas, sobrados
nas lentas ladeiras
que sobem angústias
sonhos do futuro
glórias do passado.